

# Rumos

OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO 2020

## Economia & Desenvolvimento



# COMO UMA ONDA

Após um ano desafiador, em que o mundo mergulhou numa crise de múltiplas dimensões, especialistas destacam, em quatro entrevistas especiais, as mudanças impulsionadas pelo cataclisma do novo coronavírus em diferentes áreas, como a ciência, as relações internacionais e as políticas econômicas e sociais.

#### REPORTAGEM

Série de lives debate os caminhos para a retomada da economia brasileira.

#### ARTIGO

ABDE e BID refletem sobre os desafios dos pequenos negócios na crise da Covid-19.

#### REPORTAGEM

Encontro inédito reúne 450 bancos públicos de desenvolvimento de todo o mundo.



# ABDE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE DESENVOLVIMENTO

**UNINDO POTÊNCIAS  
PARA FINANCIAR UM  
GRANDE PAÍS.**

[www.abde.org.br](http://www.abde.org.br)

## AO LEITOR

*“Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa, tudo sempre passará  
A vida vem em ondas  
Como um mar  
Num indo e vindo infinito”*

A passagem da letra da música de Lulu Santos e Nelson Motta embala esse final de ano, a nos ensinar que a permanência é uma mera consciência de um momento que já se foi, que passou. Lulu populariza o filósofo Heráclito de Éfeso, que, na Antiguidade, já dizia aos seus discípulos: “Nada é permanente, exceto a mudança”. Para refletir sobre as mudanças, a última edição de 2020 traz a Onda como tema, seja a que o coronavírus trouxe, a da política internacional alterada, a da desigualdade agravada ou a da sociedade irmanada. Os quatro especialistas ouvidos são claros em nos mostrar que nada será como antes, mas que tudo passará. A mensagem que desejamos deixar é essa, a da esperança, que mesmo que tudo mude, para melhor ou pior, tudo passará, como uma onda no mar.

Não deixem de ler nossas reportagens sobre as lives Caminhos da Retomada, sobre o encontro internacional dos bancos de desenvolvimento e sobre o exemplo do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil, que reforçam a ideia de que com ação e inovação é possível enfrentar crises e renovar as forças para enfrentar os desafios ou as novas ondas que virão.

Boa Leitura e Bom 2021.

**Thais Sena Schettino**  
Editora

## NESTA EDIÇÃO

**04** **REPORTAGEM**  
Caminhos para a retomada

**08** **ARTIGO**  
Andrej Slivnik, Rodrigo Porto,  
Flávia Moraes e Kesia Braga  
O sistema de fomento e os pequenos negócios na crise da Covid-19

**14** **REPORTAGEM**  
Em tempos de crise

**26** **SISTEMA NACIONAL DE FOMENTO**

**28** **LIVROS**

## DESTAQUES

Pixabay



**12** **REPORTAGEM**  
Coalizão global

Noel Joaquim Faia



**16** **CAPA**  
Movimento das marés



# Caminhos para a retomada

ABDE inova com ciclo de lives para debater atuação do Sistema Nacional de Fomento (SNF) nesse momento adverso, com vistas à recuperação econômica e ao desenvolvimento sustentável no pós-crise. *A Rumos* apresenta um resumo dos debates. **POR MAITÊ RODRIGUEZ\***

A pandemia da Covid-19 paralisou o mundo. O medo tomou conta da população com o surgimento de um vírus até então pouco conhecido. Por conta de seu teor altamente contagioso, uma das primeiras recomendações da Organização Mundial de Saúde foi adotar o isolamento social. A partir de então, cidades ao redor do planeta passaram a decretar o confinamento obrigatório, conhecido como lockdown. Ruas silenciosas, comércio fechado e escritórios vazios representaram o cenário da pandemia. Em consequência, rapidamente a crise sanitária foi acompanhada por um forte efeito econômico, com os mais diversos setores sendo afetados.

Meses após o primeiro caso confirmado de coronavírus no Brasil, o cenário ainda é de incertezas. Sem a expectativa de

retorno ao que antes era conhecido como o “normal”, os líderes políticos e a sociedade já analisam qual a melhor maneira de retomar as atividades presenciais e reaquecer a economia nacional. Pensando nisso, no mês de julho, a ABDE criou o projeto “Caminhos da Retomada”, um ciclo de debates transmitido ao vivo com a proposta de discutir temas referentes ao desenvolvimento brasileiro e à atuação do Sistema Nacional de Fomento (SNF) nesse momento adverso, tendo em vista a recuperação econômica.

Foram realizados 13 webinars no período de

\*estagiária, sob a supervisão da Redação.

quatro meses, todos com transmissão ao vivo pelo Youtube. Mais de 50 especialistas de diversas instituições participaram do ciclo, debatendo temas como turismo, micro e pequenas empresas, fintechs, saneamento, agronegócio, inovação, cooperativismo, entre outros. Juntas, as lives já somam mais de quatro mil visualizações e mais de 380 curtidas. Para o presidente da ABDE e do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), Sergio Gusmão Suchodolski, o projeto cumpriu com êxito o papel de promover a discussão sobre a importância do SNF no crescimento do Brasil, destacando, principalmente, o forte desempenho das agências de fomento e bancos de desenvolvimento e cooperativos durante a crise da Covid-19.

“A crise causada pela pandemia do novo coronavírus evidenciou a necessidade de mobilizar capital para impulsionar ações visando o desenvolvimento sustentável no Brasil e no mundo. Nesse contexto, as instituições de fomento exercem função primordial para alavancar investimentos sustentáveis em áreas como energia, mobilidade urbana, saneamento e infraestrutura de modo geral. Os debates promovidos pela ABDE deixaram em evidência o papel fundamental do Sistema Nacional de Fomento e como a interlocução dessas instituições com parceiros nacionais e internacionais pode ser benéfica para a retomada da economia brasileira”, destacou.

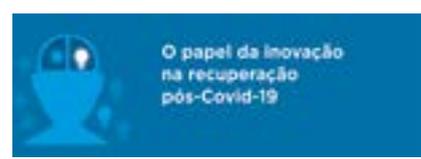
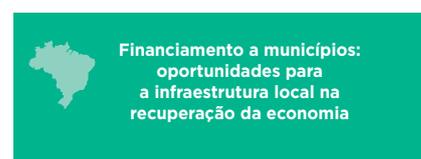
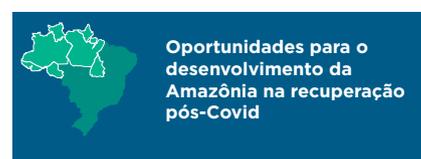
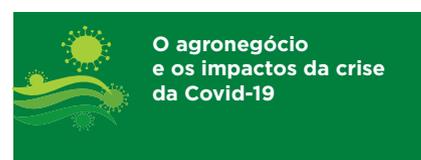
Todas as lives podem ser acessadas na íntegra no canal oficial da ABDE no Youtube. A cobertura completa de cada evento também está disponível no site da Associação. Nas próximas páginas, a *Rumos* apresenta um resumo de cada um dos debates; um pequeno painel com as importantes contribuições dos diferentes especialistas nas discussões sobre o presente e o futuro da economia brasileira. Os trechos estão divididos por tema, na ordem em que as lives aconteceram.

## ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO

Na primeira live do ciclo de debates, os especialistas discutiram o papel fundamental das Instituições Financeiras de Desenvolvimento (IFDs) para a recuperação do país nesse período, bem como a necessidade de uma visão diferenciada que busque não apenas combater a atual crise, mas também enfrentar os problemas da economia brasileira existentes pré-coronavírus. Para Haroldo Machado, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), “a crise da Covid-19 é uma crise de resiliência, e é necessário pensar sobre os choques que podemos enfrentar num futuro próximo”.

## PEQUENAS EMPRESAS

Na live seguinte, os convidados abordaram o suporte fundamental do Sistema Nacional de Fomento com às micro, pequenas e médias empresas diante da crise da Covid-19, destacando que o segmento é relevante na geração de emprego e renda em todas as regiões do Brasil. Giovanni Beviláqua, analista técnico do Sebrae Nacional, comentou que “o trabalho desenvolvido pelos bancos de desenvolvimento e pelas agências de fomento tem sido extremamente importante para que passemos por esse período de pandemia de uma forma menos dolorosa do que poderia ser”. Sobre os caminhos que devem ser seguidos na retomada da economia, os especialistas afirmaram que será preciso pensar em soluções inovadoras. »



Debates podem ser assistidos na íntegra no canal da ABDE no Youtube.



## TURISMO

Dentro do tema da live, foram discutidos os impactos sofridos pelo turismo devido à pandemia do coronavírus e como o setor foi um dos mais afetados pela crise. Segundo Francisco Chaves, diretor de Atração de Investimentos do Ministério do Turismo, as perdas para o segmento podem ultrapassar US\$ 1,2 trilhão no mundo todo em 2020. Juliana Bettini, especialista em turismo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), afirma que a inovação é o caminho para a retomada do setor. Explorar novos segmentos da área turística, como o turismo regional, ecoturismo e turismo de aventura, podem ser soluções para a recuperação a médio e longo prazo.

## FINANCIAMENTO A MUNICÍPIOS

Nesse debate, os convidados destacaram a importância da relação com prefeituras para as IFDs e comentaram como é possível financiar hospitais, escolas, pavimentação e até projetos de energia sustentável com os recursos oferecidos. Para eles, o investimento nas cidades, neste momento de crise, é também uma forma de impulsionar a economia local, ajudando na recuperação socioeconômica do país. O secretário-executivo da Frente Nacional de Prefeitos, Gilberto Perre, afirmou que os desafios históricos no financiamento municipal se agravaram durante a pandemia e lembrou que o investimento municipal constitui a maior parcela do investimento público brasileiro.

## FINTECHS

O quinto webinar do ciclo de debates foi marcado pelo lançamento do 1º Caderno Temático com artigos selecionados do Prêmio ABDE-BID. Os sete anos da premiação foram celebrados, ressaltando que a decisão de lançar o 1º Caderno Temático foi devido ao número expressivo de trabalhos qualificados presentes na edição passada. O vencedor da categoria sobre fintechs no Prêmio, Gustavo Alexandre Duda Matana, da Agência de Fomento do Paraná (Fomento Paraná), comentou sobre seu artigo “O fenômeno fintech e as agências de fomento”. Os pesquisadores autores dos trabalhos selecionados para a publicação também participaram da live.

## SANEAMENTO

Na sequência, o debate sobre saneamento abordou o novo marco regulatório e as oportunidades de investimento no setor. Os participantes destacaram os inúmeros desafios ainda a ser enfrentados, como a desigualdade regional e o financiamento insuficiente. Para a gerente do departamento de Saneamento Ambiental do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Letícia Barbosa Pimentel, “investir em saneamento é investir no desenvolvimento socioeconômico do país, e na redução das desigualdades sociais e regionais”. Sobre o novo marco regulatório, Rosane Menezes, sócia da área de Infraestrutura no Madrona Advogados, afirma que é um avanço para o setor de saneamento.

## AGRONEGÓCIO

A live destacou esse segmento como o motor da economia brasileira. Segundo os especialistas, o segmento não foi prejudicado pela pandemia, na verdade ele foi responsável por não ter deixado o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cair mais do que o previsto. “Apesar de toda a crise, é um setor que se manteve muito estável”, comentou o diretor-presidente do BRDE e diretor da ABDE, Luiz Noronha. Os convidados também garantiram que o setor de agricultura vai desempenhar um papel muito importante na recuperação da economia pós-crise.

## INOVAÇÃO

No oitavo encontro do ciclo, os participantes falaram sobre a importância dos ambientes de inovação e o papel que podem desempenhar na estratégia da retomada pós-pandemia, destacando que a área é um dos principais pilares para o desenvolvimento de um país. A superintendente de Planejamento e Relacionamento Institucional da AgeRio, Tatiana Oliver, destacou que, ainda que o momento seja incerto, a inovação é extremamente relevante, e que agora “existe a necessidade de empresas identificarem os pontos de melhoria que precisam ser feitos, as oportunidades que podem ser encontradas nessa crise e novas formas de atender a sociedade para manter os negócios ativos”.



## COOPERATIVISMO

No debate sobre cooperativismo, foi destacada a importância das organizações cooperativas no atual cenário. Segundo os especialistas convidados, durante situações de crise o segmento tende a crescer. Luciano Ribeiro, superintendente do Sicoob, comentou como o cooperativismo será fundamental para a recuperação da economia pós-Covid-19: “O cooperativismo traz uma disponibilidade de recursos suficientes para dar sustentação e estabilidade para a travessia do momento de dificuldade, e na recuperação fornece os limites necessários para que o empresário se reposicione”.

## DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A décima live do ciclo foi marcada pelo lançamento do 2º Caderno Temático com artigos selecionados do Prêmio ABDE-BID. Os pesquisadores, cujos trabalhos estão presentes no caderno, participaram do debate comentando sobre os temas abordados nos artigos, como Títulos Verdes, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e investimentos em energia solar. Luciano Schweizer, representante do BID, também falou sobre a colaboração com a ABDE e a sua importância: “Essa parceria bem-sucedida, que está caminhando para a sua 7ª edição do Prêmio, mostra o acerto de provocarmos não só o Sistema Nacional de Fomento, mas também a sociedade de uma forma mais ampla, tentando trazer os brasileiros a pensar nos desafios do desenvolvimento do nosso país”. Os cadernos temáticos estão disponíveis no site da ABDE.

## AMAZÔNIA

No webinar, os especialistas debateram o trabalho das instituições para incentivar o desenvolvimento da Amazônia, as iniciativas adotadas durante o período da atual crise e os desafios no processo de financiamento e de promoção da sustentabilidade. “Pensar na Amazônia é pensar nas pessoas, na biodiversidade e em desenvolvimento”, declarou a diretora da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará, Andrea Coelho. “O que temos visto, pela nossa experiência, é que a tríade financiamento, conexão com o mercado e desenvolvi-

mento do negócio tem andado muito bem quando junta, dando bons resultados”, acrescentou a diretora de Desenvolvimento Institucional do Instituto Conexões Sustentáveis (Conexsus), Andrea Azevedo. O presidente do Banco da Amazônia e diretor da ABDE, Valdecir Tose, destacou as ações da instituição para estimular o desenvolvimento da Amazônia, e informou que, até o início de outubro, foram aplicados R\$7,6 bilhões em recursos, quase 50% a mais em relação ao ano anterior.

## MICROCRÉDITO

Com o tema sobre microcrédito, a 12ª live discutiu como os empreendedores individuais e as empresas de micro e pequeno porte têm grande importância econômica e social, mas ainda enfrentam dificuldade no acesso ao crédito. Na ocasião, o superintendente de Microfinanças do Banco do Nordeste, Antonio Jorge Guimarães, falou sobre o Crediamigo, maior programa de microcrédito produtivo e orientado do Brasil, que busca incentivar a geração de trabalho para os microempreendedores. Para Mauro Oddo Nogueira, técnico do Ipea, a atual crise reforçou a importância dos micro e pequenos empreendedores e salientou que esses agentes são a base da economia brasileira.

## ORGANISMOS INTERNACIONAIS

Encerrando o ciclo de debates, o último webinar debateu o papel dos organismos internacionais e a sua importância no apoio ao Sistema Nacional de Fomento. Participaram representantes de diversas instituições, como o BID, a Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD) e o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF). Foram apresentadas as medidas adotadas por esses organismos durante o período da pandemia e a parceria constante com os bancos de desenvolvimento e as agências de fomento. Sobre a retomada pós-crise, Morgan Doyle, representante do BID no Brasil, comentou: “Contar com uma interlocução ativa e permanente entre o SNF e os organismos multilaterais vai ser essencial. Sabemos que os desafios são imensos, mas temos confiança que essa rede de cooperação sairá fortalecida e pronta para ajudar o país”.

# O sistema de fomento e os pequenos negócios na crise da Covid-19

Meses após a eclosão da pandemia da Covid-19 e diante das perspectivas de vacinação, respiramos um pouco mais aliviados na esperança de deixarmos o pior de 2020 para trás. Foi um ano de lições difíceis sobre as limitações das nossas estruturas econômicas e sociais para absorver crises dessa gravidade e de debates acalorados acerca do que é possível e recomendável em termos de políticas públicas.

Os desdobramentos econômicos da pandemia no Brasil, particularmente das medidas de isolamento social adotadas para conter a circulação do vírus, puseram à prova muito especialmente as micro, pequenas e médias empresas (MPMEs). Lições duramente aprendidas sobre a baixa resiliência do segmento e incertezas sobre as alternativas para apoiá-lo durante o período agudo de crise marcaram o debate público durante boa parte de 2020.

Especialistas advertiam, havia muitos anos, sobre a importância das MPMEs para o tecido produtivo nacional e sobre suas fragilidades estruturais no contexto da economia brasileira. Às vésperas da pandemia, o assunto já não era novo e ocupava espaço destacado nas preocupações e nos debates dos círculos (restritos, é verdade) de acadêmicos e de membros do Sistema Nacional de Fomento (SNF).

Conhecíamos a centralidade das MPMEs para a geração de postos de trabalho e de renda: 58,0% dos vínculos de emprego e 44,0% da massa salarial gerada pela economia formal, no ano de 2018. Se incluíssemos o amplo universo da informalidade brasileira, os negócios de menor porte representavam ainda mais, chegando a 70% dos empregos nas estimativas de Mauro Oddo<sup>1</sup>.

Sabíamos da elevada heterogeneidade setorial e regional do segmento e de sua produtividade histo-

ricamente baixa. Quando comparadas à média de pequenas empresas de países selecionados da OCDE<sup>2</sup>, por exemplo, as brasileiras registravam produtividade 50% inferior, em 2016. As empresas médias não se saíam muito melhor, com produto por trabalhador 47% mais baixo.

Ao mesmo tempo, contávamos com um marco legal sólido e um cardápio relativamente amplo de políticas públicas à disposição do segmento, com destaque para as iniciativas do Sebrae Nacional e de seus congêneres estaduais. O próprio SNF, especialmente seus membros subnacionais, se dedicavam no apoio às MPMEs, comprometendo 58% de suas carteiras com negócios de menor porte, ao final de 2019.

E, no entanto, diante da gravidade dos efeitos econômicos da pandemia, o que sabíamos e fazíamos ajudou, mas não foi suficiente. A Covid-19 pegou os pequenos negócios no contrapé, revelando a dívida que ainda tínhamos com esse segmento pouco compreendido pela maior parte dos meios acadêmico, jornalístico e burocrático. Em julho de 2020, mais de 700 mil empresas de menor porte haviam encerrado suas atividades como decorrência dos efeitos da pandemia, segundo pesquisa do IBGE<sup>3</sup>.

\*\*\*

Em socorro aos pequenos negócios, os governos federal e estaduais estruturaram iniciativas variadas de suspensão de pagamentos de impostos, flexibilização de leis trabalhistas para aliviar folhas de pagamento, revisão de procedimentos burocráticos para dar celeridade no acesso a políticas públicas, programas de compras governamentais etc. Mas as iniciativas mais aguardadas – e que esquentaram o debate – foram as medidas de crédito.

Especialistas já sabiam o que se tornou evidente com a crise da Covid-19: (1) as MPMEs têm maior dificuldade de acessar recursos

2 <https://www.oecd.org/sdd/productivity-stats/oecd-compendium-of-productivity-indicators-22252126.htm>

3 <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/investigacoes-experimentais/estatisticas-experimentais/28291-pesquisa-pulso-empresa-impacto-da-covid-19-nas-empresas.html?edicao=28390&t=resultados>

1 [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30804](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30804)



no sistema financeiro; e (2) essa dificuldade se agrava em períodos de crise econômica. “O dinheiro não está chegando na ponta” tornou-se praticamente um mantra, entoado pelos economistas entrevistados por veículos de comunicação diversos, nos meses de abril a junho.

Primeiro, as questões estruturais: empresas de menor porte sempre enfrentaram obstáculos significativos para obter recursos no mercado de crédito brasileiro. Não é exatamente uma jabuticaba, mas deve-se reconhecer que o problema aqui é mais grave. Segundo dados do Sebrae<sup>4</sup>, menos de 20% dos pequenos negócios buscaram crédito em 2019. Por quê? Juros elevados, prazos curtos, impossibilidade de oferecer garantias, burocracia excessiva, educação financeira insuficiente...

Os dados de crédito de MPMEs mais confirmam do que refutam os motivos dos que resistem a tomar uma dívida: as taxas de juros chegam a ser 13,0 p.p. mais elevadas, em média, e as principais linhas acessadas são capital de giro, cartão de crédito, cheque especial e crédito rotativo. Linhas custosas e de curto prazo. Em resumo, poucas MPMEs acessam crédito e as que acessam tomam recursos usualmente inadequados.

Na conjuntura da crise da Covid-19, a interrupção das atividades em função das medidas de isolamento social restringiu o consumo de bens e serviços produzidos

por MPMEs, com variações setoriais e regionais. Como efeito, o faturamento despencou, deixando custos fixos descobertos. A expectativa quanto às medidas de acesso a crédito era precisamente de que ajudariam pequenos negócios a honrarem suas despesas e a se reposicionarem no mercado, por exemplo, por meio da adoção de práticas de *e-commerce*.

Diferentemente do que se observou na crise financeira de 2008-2009, o governo optou pelo desenho de medidas que tivessem as instituições financeiras privadas como implementadoras preferenciais, evitando ampliar a participação do sistema público no mercado de crédito. Garantiu liquidez ao sistema financeiro e estabeleceu linhas emergenciais de repasse, a exemplo da linha de financiamento das folhas de pagamento oferecida por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Bancos, no entanto, são bancos. Entre outras funções (e há, aqui, extenso debate), servem para gerir riscos. Diante das crescentes incertezas quanto aos desdobramentos da crise, ofertaram recursos para empresas de grande porte, mas restringiram os empréstimos a MPMEs, consideradas mais arriscadas. Na crise, aqueles entraves estruturais de acesso a recursos pelo segmento se agravaram. Entre março e abril de 2020, o saldo total de crédito cresceu 7,7%, dos quais 6,9 p.p. foram direcionados aos grandes e apenas 0,8 p.p. aos pequenos »

4 <https://datasebrae.com.br/documentos/>

## O compromisso do SNF com os negócios de menor porte foi redobrado frente à pandemia: na comparação entre os primeiros semestres de 2019 e de 2020, o volume de recursos contratados pelas instituições subnacionais com o segmento mais do que dobrou.

negócios. No jargão econômico, os recursos liberados pelo governo federal ficaram “empoçados” no sistema financeiro, pelo menos no que dizia respeito às MPMEs.

\*\*\*

Bancos públicos, por outro lado, não são apenas bancos. Enquanto instituições financeiras, cumprem papel na operacionalização das políticas dos governos que as controlam, observadas as regulações pertinentes. Diante de crises como a da Covid-19, era esperado que atuassem de modo contracíclico para atenuar efeitos negativos sobre o tecido produtivo e impulsionar a recuperação econômica.

Foi o que fizeram as instituições do SNF desde o princípio da pandemia. As ações implementadas<sup>5</sup> nos primeiros meses da crise se concentraram em: (1) criação de novas linhas ou adequação de linhas existentes às necessidades emergenciais dos clientes; (2) adiamento ou suspensão dos pagamentos de operações de empréstimo ativas; (3) lançamento de linhas específicas para o setor de saúde; e (4) facilitação do acesso, com redução de trâmites burocráticos e desenvolvimento de plataformas digitais de concessão de crédito.

Na maior parte dos casos, e especialmente entre as

instituições de desenvolvimento subnacionais – agências de fomento e bancos de desenvolvimento estaduais – a atuação contracíclica deu-se de modo “focalizado”, com medidas concentradas no apoio às MPMEs. O compromisso do SNF com os negócios de menor porte foi redobrado frente à pandemia: na comparação entre os primeiros semestres de 2019 e de 2020, o volume de recursos contratados pelas instituições subnacionais com o segmento mais do que dobrou.

Como vimos, do ponto de vista do financiamento, os desafios estruturais para as MPMEs não são apenas de acesso, mas também de adequação do crédito às suas necessidades. A situação se agrava em momentos de crise porque o sistema financeiro tradicional restringe a oferta de recursos, em função da elevação dos riscos percebidos, e porque encurta os prazos, eleva os juros, reduz as carências – em resumo, piora as condições para o tomador precisamente quando elas mais fariam diferença.

O SNF, no entanto, tem características peculiares, que o permitem atuar em sentido contrário: (1) funding de prazos mais alongados, calcados em recursos de origem pública e internacional, alinhados a objetivos de desenvolvimento; (2) gestão patrimonial equilibrada, mas que não exige a maximização da rentabilidade dos ativos; e (3) expertise regional e setorial afinada, capaz de mapear, monitorar e gerir riscos com maior precisão.

Esse diferencial possibilita ao SNF financiar as MPMEs em melhores condições tanto em “circunstâncias normais”, para atenuar os desafios estruturais de acesso a recursos pelo segmento, quanto na sustentação da oferta de crédito em períodos de crise, com taxas, carências e prazos adequados. Os dados do mercado de crédito expressam essa característica: entre dezembro de 2019 e setembro de 2020, a participação do SNF nas operações de prazo longo, superior a 3 anos, que já era elevada, passou de 75% para 79%.

\*\*\*

A despeito dos esforços, a gravidade da crise demandava mais do que era possível (ou desejável) em termos de oferta direta de crédito pelo SNF. Desde 2015, o sistema financeiro passa por um longo processo de reorganização, que tem como horizonte maior competitividade e ampliação da participação de atores privados e do mercado de capitais no financiamento ao setor produtivo. Para o SNF, o caminho apontado vai em direção a outros instrumentos financeiros, que posicionem sua atuação “para além do crédito”.

A questão, considerando-se a situação emergencial das MPMEs em função da Covid-19, era fazer desaguar os recursos empoçados no sistema financeiro tradicional, mitigando a elevada percepção de risco das instituições privadas e mobilizando-as para financiar o segmento. A estratégia adotada lançou mão de

<sup>5</sup> [https://abde.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Informe\\_Especial\\_15.04.pdf](https://abde.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Informe_Especial_15.04.pdf)

programas garantidores de crédito, um tradicional instrumento de blended finance, que contou com a expertise de instituições do SNF para ser implementado.

Banco do Brasil, BNDES e Sebrae tinham experiências anteriores com os fundos garantidores de crédito FGO, FGI e Fampe. Pelo menos desde a década de 1990, esses fundos e seus precursores contribuíam para melhorar as condições e/ou ampliar o acesso de MPMEs a recursos do sistema financeiro, garantindo os pagamentos de mutuários que eventualmente entrassem em default, segundo regras aprimoradas ao longo de décadas de aprendizado.

Com a crise, o Fampe foi potencializado e dois programas foram criados em torno dos outros fundos existentes: o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), gerenciado pelo Banco do Brasil (FGO), e o Programa Emergencial de Acesso a Crédito (Peac), pelo BNDES (FGI). A gravidade da crise recomendou alguma flexibilização nas regras, especialmente quanto à ampliação do percentual do empréstimo coberto pelos programas. Mas, em geral, requisitos essenciais de sustentabilidade, aprimorados durante décadas de experiência, foram mantidos.

A dimensão do Pronampe e do Peac, do ponto de vista do volume de recursos, evidencia o tamanho da aposta nessa estratégia. O FGO tem patrimônio líquido de R\$ 3,7 bilhões, enquanto o Pronampe já soma R\$ 27,9 bilhões. No caso do FGI, o patrimônio é R\$ 1,2 bilhão, contra R\$ 30 bilhões disponibilizados por meio do Peac.

Os programas ainda não foram encerrados – afinal, não se pode dizer que a crise decorrente da pandemia da Covid-19 já tenha acabado... –, o que dificulta uma avaliação clara sobre sua efetividade. O que podemos dizer, desde pronto, é que o Peac mobilizou R\$ 90,9 bilhões em crédito para MPMEs, enquanto o FGO já ultrapassa R\$ 32,8 bilhões.

\*\*\*

Desde a eclosão da pandemia, as estratégias de enfrentamento configuradas por instituições nacionais e subnacionais confirmaram o papel central da atuação contracíclica do SNF, ainda que de maneira diferente do que se observou na última crise. Em 2020, buscou-se focalizar as medidas de apoio nos segmentos mais duramente afetados, destaque

para as MPMEs, e utilizar de maneira mais ampla instrumentos financeiros que mobilizassem atores privados, como os programas de garantia de crédito.

Apesar da esperança de termos deixado o pior para trás, sabemos que 2021 será ainda um ano de ajustes para o setor financeiro, seja pelos efeitos da crise sobre sua gestão patrimonial, seja pelo intenso processo de transformações tecnológicas e regulatórias que tem enfrentado. Do ponto de vista do SNF, no entanto, é preciso pensar mais além desses ajustes: o que está por vir são as agendas de futuro do desenvolvimento sustentável e da promoção da diversidade, reposicionadas pelos aprendizados da crise da Covid-19. Em ambos os casos, há uma extensa fronteira a ser explorada e ultrapassada pelas iniciativas de apoio às MPMEs.

Divulgação



#### ANDREJ SLIVNIK

*Economista e doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é gerente de Estudos Econômicos da Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE).*

Divulgação



#### RODRIGO PORTO

*Mestre em Economia pela Universidade de Brasília (UnB). Consultor técnico do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).*

Divulgação



#### FLÁVIA MORAES

*Economista na Gerência de Estudos Econômicos da ABDE, com mestrado pela Universidade Federal Fluminense (UFF).*

Divulgação



#### KESIA BRAGA

*Economista da Gerência Técnico-Operacional da ABDE, com mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Paris XIII e Escola de Economia e Direito de Berlim.*



# Coalizão global

Encontro reúne bancos públicos de desenvolvimento de todo o mundo, que se comprometem com o cumprimento dos objetivos climáticos e de desenvolvimento estabelecidos pela ONU e pelo Acordo de Paris.

Bancos públicos de desenvolvimento de todo o mundo estiveram reunidos pela primeira vez, de forma virtual, no início de novembro, para debater o papel, as ambições, os desafios e as oportunidades dessas instituições, principalmente para conectar as respostas contracíclicas de curto prazo com as medidas de recuperação sustentável de longo prazo. O Finance in Common Summit reuniu representantes de 450 bancos, dentre eles o presidente da Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE) e do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), Sergio Gusmão Suchodolski, que foi palestrante em um dos painéis. O Sistema Nacional de Fomento (SNF) também se fez presente por meio do presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Gustavo Montezano.

Em sua participação na mesa “Financing Local Action and Resilient Cities: The Role of Subnational Development

Banks”, no dia 12/11, Suchodolski falou sobre o impacto positivo das Instituições Financeiras de Desenvolvimento (IFDs) nos territórios onde estão instaladas, em especial as agências de fomento e os bancos de desenvolvimento subnacionais. A partir do exemplo do BDMG, que possui clientes em cerca de 90% dos municípios de Minas Gerais, ele destacou a importância da atuação das instituições de fomento durante a pandemia, sobretudo no apoio a micro e pequenas empresas. “Atingimos o maior volume de desembolso da história do banco, e o recurso disponível para micro e pequenas empresas mais do que quadruplicou em 2020”, pontuou.

Para o presidente da ABDE, essas instituições devem atuar como plataformas para gerar impactos positivos em seus territórios. Ele defendeu que as IFDs, após passarem por um período de questionamento, reafirmaram seu valor a partir das crises que o Brasil e o mundo experimentaram nos últi-

mos anos. Assim, as instituições ressurgiram, mas em um modelo diferente, como “Bancos de Desenvolvimento do Século 21”, conectados às agendas globais, como a da sustentabilidade e da inovação, e com um portfólio ampliado de serviços. “O BDMG tem se posicionado como uma plataforma de desenvolvimento que fornece um conjunto abrangente de soluções, para além do crédito, como o apoio na preparação de projetos, que pode permitir a implementação de ações de acordo com as necessidades e prioridades locais”, exemplificou.

Ele destacou que o banco tem atuado para diversificar suas fontes de financiamento, por meio de parcerias com organismos multilaterais como a Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF). Outra prioridade do BDMG tem sido a incorporação de novas tecnologias para aumentar a capacidade operacional da instituição, além da busca por um melhor equilíbrio entre a missão de desenvolvimento e a sustentabilidade financeira de longo prazo.

## INTEGRAÇÃO

A cúpula fez parte da programação do 3º Fórum da Paz de Paris, uma iniciativa do governo francês para estabelecer um fórum global para disseminação de boas práticas, especialmente voltadas ao enfrentamento de grandes desafios, como a pandemia. Participaram chefes de Estado e lideranças dos setores público, privado e de organizações não governamentais de todo o mundo. O encontro teve como foco o financiamento público para a transição energética.

De acordo com a OCDE, os países desenvolvidos ainda estão muito aquém de seu compromisso de fornecer 100 bilhões de dólares em financiamento climático aos países em desenvolvimento e, às vezes, atuam para paralisar os países pobres nesse caminho por meio de dívidas. “Os bancos públicos de desenvolvimento não devem mais repetir os erros do passado. Eles precisam urgentemente alinhar seu financiamento aos objetivos do acordo de Paris”, afirmou Laurence Tubiana, CEO da Fundação Europeia do Clima e presidente do conselho da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD), que convocou a cúpula. “Seja nacional ou multilateral, os bancos de desenvolvimento devem agora dar prioridade a projetos que acelerem a transição e se comprometerem com um calendário para a eliminação gradual, mas rápida, do apoio aos combustíveis fósseis. A cúpula é uma grande oportunidade



Reprodução

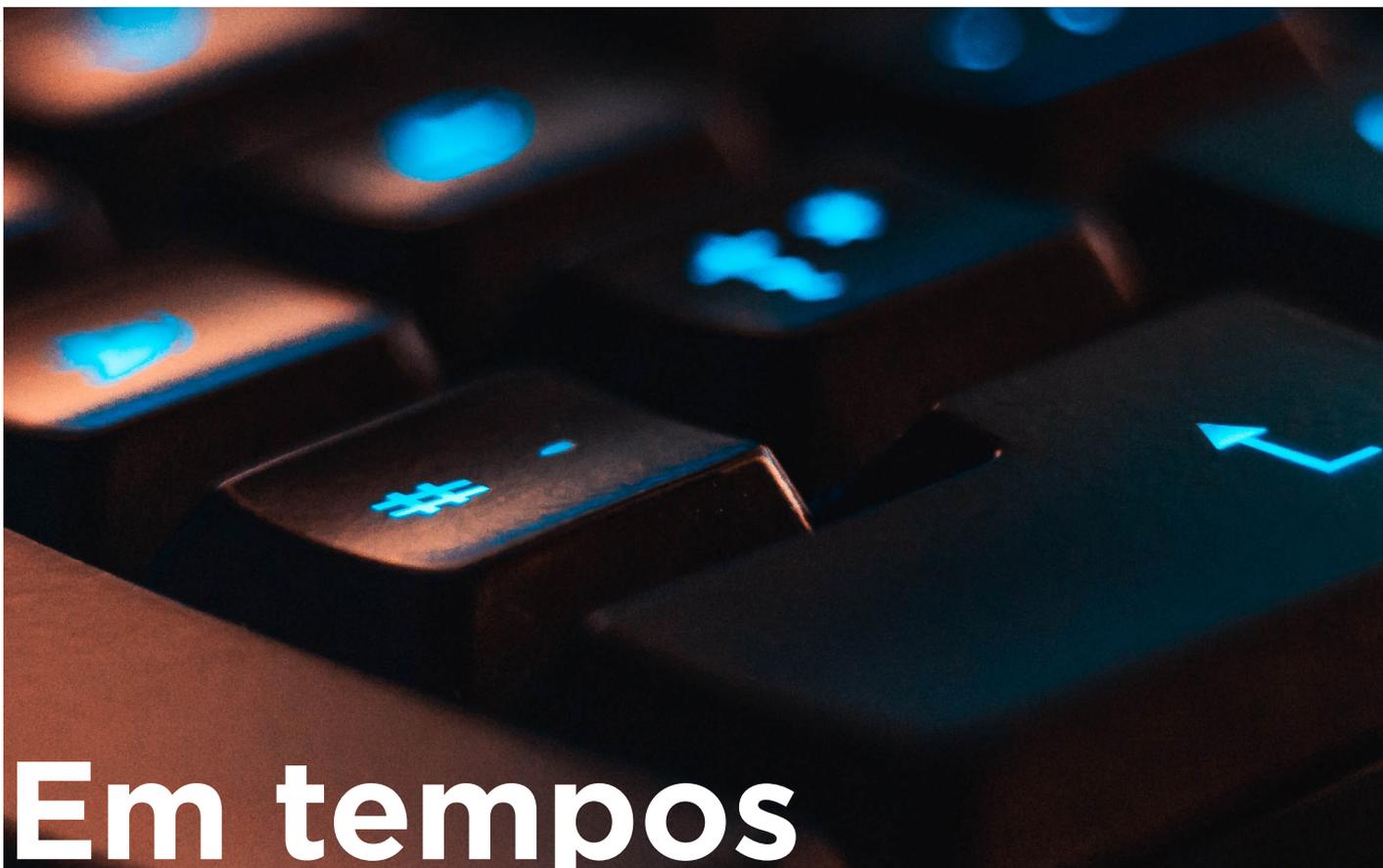
*O presidente da ABDE e do BDMG, Sergio Gusmão Suchodolski, participa de painel do evento.*

para fazer avançar nesta agenda”.

Para o CEO da AFD, Rémy Rioux, além do apoio contracíclico, os bancos de desenvolvimento podem desempenhar um papel fundamental para garantir uma recuperação sustentável, abordando a equação do financiamento do desenvolvimento. Ele destacou a importância da adesão de todas as instituições aos princípios de financiamento sustentável alinhados com o Acordo de Paris e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. “Esta é a razão de ser da Cúpula Finance in Common, sobre a qual os bancos públicos de desenvolvimento poderiam unir forças para um maior impacto, formando uma poderosa coalizão”, afirmou Rioux, que também é presidente do International Development Finance Club (IDFC).

O presidente da ABDE também ressaltou a importância da realização do evento e do trabalho conjunto das instituições de desenvolvimento em todo o mundo. “É o início de um importante diálogo, que se espera que venha a contribuir para a construção de uma comunidade mais integrada e efetiva de bancos públicos. Todos compartilhamos o mesmo mandato”, afirmou Suchodolski, que também já havia participado do painel “Business model: mobilizing and allocating resources in a complex and uncertain situation”, no primeiro dia dos debates, em 9 de novembro.

Ao fim da cúpula, os cerca de 450 bancos de desenvolvimento presentes, que juntos investem US\$ 2,3 trilhões anualmente, cerca de 10% do total do investimento mundial, assinaram uma declaração em que se comprometem a reorientar seus investimentos e fluxos financeiros para cumprir os objetivos climáticos e de desenvolvimento estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pelo Acordo de Paris em 2015. No documento, as instituições firmam o compromisso de “reorientar suas estratégias, investimentos e atividades para contribuir com a aplicação dos objetivos de desenvolvimento sustentável e do clima”. “Pela primeira vez, contamos com uma coalizão mundial que se compromete com objetivos e normas comuns”, comemorou Rémy Rioux.



# Em tempos de crise

Pandemia reafirma o papel das cooperativas de crédito no Sistema Financeiro Nacional, em especial, ao reforçar o pilar da cooperação para a solução de problemas. Conheça a abordagem do Sicoob diante da crise.

Um dos princípios do cooperativismo é a preocupação com a comunidade e, por consequência, o mercado no qual está inserido. Em um ano em que a pandemia do novo coronavírus transformou, entre tantos quesitos, as relações interpessoais, econômicas e financeiras em todo o país, foi necessário às instituições se apegarem às suas missões, visões e valores para passar por esses momentos de dificuldades, poucas vezes vistos na história da humanidade. Não foi diferente no caso do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob).

Um pilar que foi reforçado e respaldou sua atuação em 2020 foi justamente a concessão de soluções aos seus mais de 5 milhões de cooperados, para que eles conseguissem atravessar a crise e, mesmo que sentissem os impactos que esse período proporcionou, estes fossem amenizados. Foi neste ano de gigantescos obstáculos que o Sicoob demonstrou que solu-

ções e experiências financeiras inovadoras e socioeconômicas responsáveis por meio da cooperação são essenciais para uma sociedade mais justa e próspera.

Marco Aurélio Almada, diretor-presidente do Centro Cooperativo Sicoob (CCS), acredita que a chave para vencer de vez a Covid-19 será a cooperação entre pessoas, governos e países. Focada nisso, a instituição passou a tomar decisões exclusivamente voltadas para que os cooperados pudessem, mesmo com a pandemia, manter seus negócios e suas contas em dia.

Uma pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), atualizada mensalmente durante o ano, confirma que esta atuação se mostrou significativamente eficaz. Listado entre as grandes instituições financeiras do país, o Sicoob está entre as três companhias em que houve maior taxa de sucesso na obtenção de crédito por parte de donos de pequenos negócios.

Isso demonstra, segundo Almada, que o cooperativismo financeiro é uma gigantesca e sustentável alternativa para reduzir impactos de crises econômicas ao redor do mundo. “Escolhemos ficar ao lado de nossos cooperados, apoiando e acreditando que eles passariam pelos momentos de dificuldade e voltariam a crescer no pós-Covid”, destaca o executivo.

O diretor-presidente do CCS também conta que as proações pelas quais a sociedade está passando servirão como lição para mostrar a todos o valor que a união das pessoas, a cooperação e a inovação têm na superação de desafios. “Historicamente, o cooperativismo sempre demonstrou seu valor em períodos de crise. Nós sabemos que vivemos em um país que é financeiramente injusto e o cooperativismo financeiro é capaz de transformar essa situação. O nosso papel é, independentemente dos desafios que vivemos, oferecer crédito a taxas baixas e estar sempre ao lado dos nossos cooperados”, afirma.

## ATUAÇÃO DIGITAL

Um dos caminhos que o Sicoob optou por seguir, principalmente durante o período mais rigoroso de isolamento social, foi ampliar sua atuação digital, inclusive possibilitando às cooperativas a realização de reuniões e assembleias totalmente virtuais, evitando, assim, aglomerações e risco de contágio pelo vírus. “É um legado que esse momento nos trouxe. O cooperativismo financeiro tem como característica estar presente em locais menores, mais afastados dos grandes centros financeiros do Brasil. Com a tecnologia, podemos consolidar ainda mais esse nosso propósito”, comenta o executivo.

Também neste sentido, o Sistema realizou seu primeiro Feirão de Agronegócios on-line, gerando mais de R\$ 44 milhões em propostas durante o fim de julho e início de agosto. “Não poderíamos deixar que nossos cooperados produtores rurais ficassem sem as tradicionais negociações realizadas em feiras. Como a grande maioria foi suspensa ou cancelada, notamos que havia um gargalo em relação aos negócios que seriam fechados nesses eventos, o que impactaria um grande nicho do agronegócio brasileiro”, conta Raphael Silva de Santana, gerente de agronegócios do CCS.

Consolidado na oferta de crédito a taxas mais baixas, o Sicoob chegou em setembro a R\$ 75 bilhões em sua carteira de crédito, um crescimento sólido e responsável de 30% com relação ao mesmo mês do ano passado. Cerca de R\$ 52 bilhões foram destinados a empréstimos e títulos descontados, R\$ 9 bilhões para financiamentos, R\$ 18 bilhões para financiamentos rurais e agroindustriais e R\$ 163 milhões para financiamentos imobiliários.

“Estamos em um ritmo de crescimento muito acelerado, cerca de 10 a 15% por ano. Nosso objetivo é conquistar um número cada vez maior de cooperados, podendo expandir, assim, a nossa atuação”, destaca Almada.

Para auxiliar ainda mais os cooperados donos de pequenos negócios, o Sicoob também atuou com as linhas subsidiadas pelo Governo Federal, como o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) e o Programa Emergencial de Acesso a Crédito (Peac). No primeiro caso, foram concedidos R\$ 2,7 bilhões, enquanto no segundo foram R\$ 2,4 bilhões.

## DIFERENCIAIS

Outro ponto a se destacar na atuação do Sicoob em 2020 foi a participação efetiva na implementação do Pix, novo sistema de pagamentos e recebimentos criado pelo Banco Central. Com a ferramenta, não é mais necessária a participação de intermediadores no pagamento de uma compra, possibilitando, assim, maior inclusão financeira no país: com o celular, os clientes podem efetivar o pagamento apenas lendo um QR Code, por exemplo. Também é possível transferir dinheiro em até 10 segundos, 24h por dia, sete dias na semana.

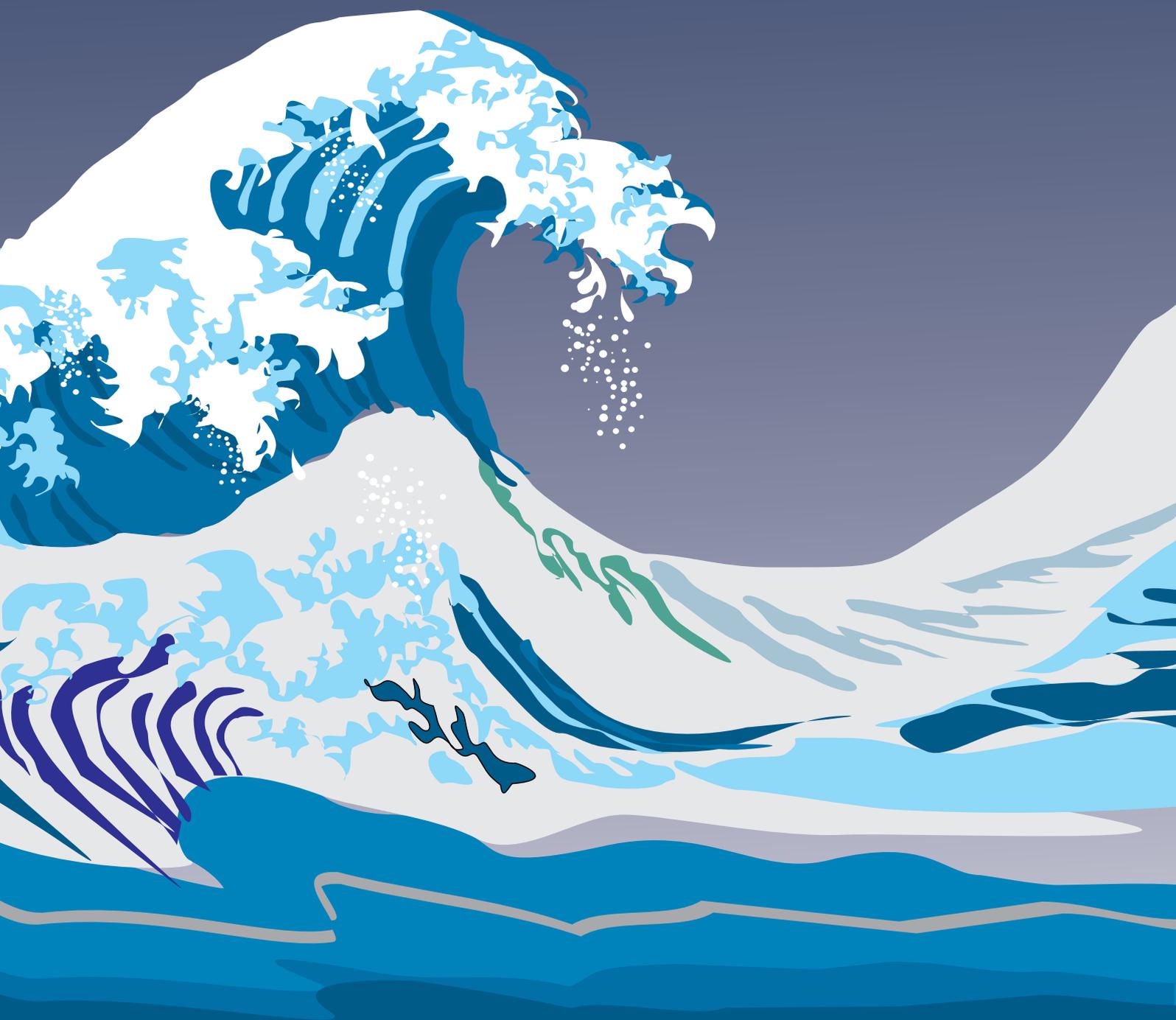
De acordo com Almada, o Pix faz parte de uma série de inovações que o mercado financeiro tem trazido ao cotidiano dos brasileiros. “É uma ferramenta importantíssima para a democratização financeira no Brasil”, afirma.

E para incluir o Pix de vez no cotidiano dos seus cooperados, o Sicoob isentou todas as taxas da ferramenta no período de 90 dias desde o seu lançamento. Ou seja, até pequenos e médios empresários não pagam absolutamente nada para trabalhar com o Pix. O Sicoob também oferece R\$ 425 mil em prêmios para quem cadastrar sua chave ou fizer transações pelo Pix no Sistema.

Um dos grandes diferenciais do cooperativismo de crédito, segundo Almada, é que os cooperados não são apenas clientes: eles são verdadeiros donos do negócio. “A participação de cada cooperado, seja por meio de voto ou até na contratação de produtos e serviços, é essencial para o crescimento das cooperativas. No fim do ano, contabilizamos um valor, que seria o lucro de um banco, para distribuir a eles. Chamamos esse valor de ‘sobras’”, explica o executivo. Assim, devolvendo o “lucro” da instituição aos cooperados e comunidades às quais eles pertencem.

Outro pilar que é bastante reforçado no Sicoob é a educação financeira. Este ano, por exemplo, por meio das Clínicas Financeiras Virtuais, o Sistema tem levado importantes temas para os quatro cantos do país. As orientações são gratuitas, com temas relacionados à quitação de dívidas, imposto de renda, investimentos e orçamento pessoal.

“Temos uma força muito grande para o desenvolvimento social e financeiro no Brasil. Queremos crescer cada vez mais, oferecer produtos e serviços cada vez melhores, e com taxas ainda menores, para proporcionar a prosperidade em todos os locais em que estamos inseridos”, finaliza o executivo.



# MOVIMENTO DAS MARÉS

O ano de 2020 trouxe a onda da maior pandemia da história recente, mas também outras ondas que provocarão mudanças duradoras nas relações políticas, sociais, científicas e econômicas. Confira a opinião de especialistas de quatro áreas de conhecimento acerca do futuro do novo normal. **POR CARMEN NERY**

Estamos vivenciando a segunda onda da maior pandemia da história recente do mundo, a do novo coronavírus. Enquanto essas palavras são escritas, especialistas sinalizam que, rapidamente, a ideia da onda terá que ser abandonada, pois conviveremos com o vírus ainda por algum tempo, mesmo que a vacina chegue no curto prazo. Ainda que a onda da contaminação pelo novo vírus dê sinais de que vai embora, muito das mudanças por ele causadas ainda serão sentidas para além da crise sanitária gerada pela doença. A rapidez com que a sociedade mundial foi chacoalhada pela Covid-19 trouxe outras ondas a serem sentidas nos mais diversos setores da sociedade, veremos o novo normal alterar as relações sociais, políticas, científicas e econômicas, seja

no nível macro, entre as nações, seja no micro, as famílias.

Para entender o novo movimento das marés, com as novas ondas, a *Rumos* ouviu quatro especialistas, de diferentes campos, que apontaram os possíveis caminhos de futuro deixados pela água na areia. Se iremos nos acostumar com uma normalidade intermediada pelas tecnologias de comunicação, se iremos permanecer isolados, mas mais produtivos, se iremos depositar ou não mais esperança na ciência, se seremos mais solidários, ou ainda, se trataremos melhor o planeta que nos acolhe, isso só o tempo dirá. O certo, hoje, como apontam os estudiosos ouvidos, é que essa não foi a primeira, nem será a última epidemia a ser enfrentada pela humanidade. Precisamos nos preparar!

Arquivo Pessoal



## Margareth Dalcolmo

Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). É médica pneumologista, com doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (UFSP).

Arquivo Pessoal



## Fernando Schüler

Doutor em Filosofia e Mestre em Ciências Políticas, com Pós-Doutorado pela Columbia University (EUA). É professor no Insper (SP).

Arquivo Pessoal



## Paula Vedoveli

Professora da Escola de Relações Internacionais da Fundação Getulio Vargas. Possui doutorado em História pela Princeton University (EUA)

Arquivo Pessoal



## Jeferson Nascimento

Doutor em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo (USP). É coordenador de Pesquisa e Incidência em Justiça Social e Econômica da Oxfam Brasil.

»



# Margareth Dalcolmo

## A onda da ciência

**Rumos** – Quais as mudanças que a crise do Coronavírus trouxe para a sociedade e a saúde pública?

**Margareth Dalcolmo** – Não tenho dúvidas de que essa pandemia é um fenômeno modificador de nossas vidas. Já tivemos outras epidemias, a história do homem, sobretudo no Ocidente, é marcada por epidemias ao longo dos últimos dois milênios. Cada epidemia gera um movimento posterior e que pode resultar até em coisas boas. A grande peste negra no fim do século XIV gerou o renascimento. São coisas que temos de pensar para termos um pouco de otimismo diante dessa tragédia que se abateu sobre o mundo e que revelou as enormes e obscenas desigualdades sociais, não só no Brasil, mas no resto do mundo também. A desigualdade é obscena porque, quando abrimos a cortina, o cenário que está atrás não é o que muitos queriam ver, porque passou a vida sem querer enxergar. O fato é que isso modifica, sem dúvida nenhuma, as relações entre a sociedade e a ciência.

**Rumos** – O que esse cenário tão dramático pode gerar de positivo ao país?

**Dalcolmo** – No Brasil, particularmente, o lado positivo da pandemia é que ela revelou uma enorme aproximação entre a sociedade civil e a ciência brasileira. Todos nós ficamos muito mais perto da opinião pública, que entende que o país – não exatamente as autoridades – tem prestado um bom serviço no sentido de produzir

conhecimento. O Brasil está na lista dos países que mais publicaram trabalhos científicos ao longo desse período pandêmico.

Além disso, grupos acadêmicos ligados a universidades e a própria Fiocruz produziram muito conhecimento, testes diagnósticos, estudos da virologia e do comportamento epidemiológico do vírus. Tudo isso nos aproximou e de certa forma promoveu um processo de humanização compulsória frente à sociedade civil.

Esse é um lado que considero muito positivo, apesar da perda de cérebros que o Brasil teve nos últimos anos – pessoas que foram embora por não encontrar condições adequadas de trabalho, pela falta de financiamento, e do reconhecimento da produção científica como investimento. Produzir ciência é investir no desenvolvimento e, inclusive, na justiça social.

Outro dado importante e, de certa maneira, relativamente novo é o surgimento de um novo voluntariado. A responsabilidade frente a uma doença tão epidêmica e pesada quanto a Covid-19 exigia que não apenas as autoridades comparecessem de maneira organizada e harmônica, mas também que a iniciativa privada comparecesse, e isso aconteceu. Não me lembro de ter visto isso em nenhum outro momento anterior. Espero que isso fique como uma herança da pandemia: a criação de um novo voluntariado e a iniciativa privada entendendo que pode participar ativamente não só doando, mas participando do financiamento de pesquisas, da produção de equipamentos, de testes diagnósticos, facilitando o acesso de comunidades, sobretudo as mais carentes.

**Rumos** – Há quem imagine que as pandemias anteriores fossem decorrentes do atraso científico e tecnológico ou da insalubridade

de de períodos como a Idade Média. O que justifica termos uma pandemia em pleno século XXI da Indústria 4.0?

**Dalcolmo** – Essa não será a última pandemia. O homem tem feito muito mal ao planeta. Estamos vivendo o período Antropoceno, o período em que o homem interfere na natureza e nem sempre de maneira saudável.

Temos um vírus que migra do mundo animal para o homem. Os coronavírus são originados nos morcegos, que são animais gregários, que vivem em grandes concentrações e são portadores desses vírus que utilizam um pequenino vetor, um mamífero como aconteceu na China, e migram para o ser humano porque o ambiente propiciou, como os mercados molhados, que possibilitam a proliferação de qualquer doença.

E por que digo que esta não será a última pandemia? O maior celeiro de coronavírus não está na China, mas na nossa Amazônia. Se continuarmos tratando a Amazônia tão mal como agora, é possível que tenhamos uma nova epidemia originária do Brasil. Isso é possível biologicamente. As epidemias não se dão por acaso. Estamos vivendo um antropoceno selvagem. O homem não está respeitando o planeta da maneira como ele deve ser respeitado.

**Rumos** – O que há de diferente entre a crise do coronavírus e outras epidemias?

**Dalcolmo** – Em primeiro lugar, é uma pandemia e não uma epidemia, como foram a Sars e a Mers, só para dar exemplo dos coronavírus anteriores dos últimos 20 anos. As epidemias de vírus respiratórias tendem a se extinguir porque ficam restritas a uma região, equanto a pandemia da Covid-19 praticamente atinge o mundo todo, até ilhas remotas. Há uma disseminação, pois é de fácil transmissão de uma pessoa para várias outras.

Lembrando também que, diferentemente da gripe espanhola, que chegou até nós de navio, a disseminação se dá por avião. Hoje, matematicamente, uma epidemia que começa na China pode chegar ao Brasil em menos de uma semana, porque a malha aérea é muito grande. Esse vírus não vai desaparecer de nossas vidas. Ele ficará controlado ao longo do próximo ano, as vacinas vão colaborar para isso, mas elas não são um milagre. Haverá um número de pessoas que terão contraído a doença e vão desenvolver imunidade. Vamos somar a imunidade comunitária com a imunidade conferida pelas várias vacinas. E isso vai propiciar um controle epidêmico e uma permanência controlada do vírus.

**Rumos** – Será viável uma vacinação em massa e universal?

**Dalcolmo** – O Brasil é um país complexo em que a logística de vacinação é, sem dúvida, desafiadora, porém temos experiências muito positivas por meio do Programa Nacional de Imunização, que funciona muito bem. Temos tido um protagonismo interessante no desenvolvimento das vacinas neste momento, mas não há dúvida das dificuldades de vacinar toda

**Espero que isso fique como uma herança da pandemia: a iniciativa privada entendendo que pode participar ativamente não só doando, mas participando do financiamento de pesquisas, da produção de equipamentos, de testes diagnósticos, facilitando o acesso de comunidades, sobretudo as mais carentes.**

uma população como a brasileira, não podemos fazer proselitismo achando que todo mundo vai ser vacinado. Não vai ser. Vamos vacinar uma parcela da população. Assim como vamos vacinar uma parcela da população mundial. Há um dado que todos precisam saber: a população mundial é de 7,8 bilhões de pessoas; somando todas as vacinas em estudo e em produção, ao longo de 2021 teremos 2 bilhões de doses. Ou seja, não chegaremos a vacinar nem um terço da população mundial.

É preciso que as pessoas saibam disso. A vacina não é uma panaceia. Por isso, esses comportamentos inconsequentes de desrespeito ao distanciamento precisam ser duramente criticados, porque há uma negação coletiva do problema achando que a vacina está chegando; é preciso saber que a vacina não vai trazer a cura nem a intercepção da pandemia.

**Rumos** – O que podemos esperar que será tendência na ciência? O que a crise impactou no desenvolvimento científico?

**Dalcolmo** – A crise impactou criando uma nova modalidade, o chamado Fast Track, isso nunca houve. A vacina mais rápida que conhecemos levou quatro anos para ser desenvolvida. Há um entendimento devido ao tamanho do problema, pela pressão da opinião pública. Mas isso não permite que nada que seja exigência ética ou científica seja passada por cima. Temos que cumprir com o máximo possível de segurança os mínimos critérios de qualidade.

Acho que o que haverá de consequência são investimentos mais robustos em relação à busca de medicamentos que sejam capazes de conter a progressão da doença, tendo em vista que até agora os testados foram ineficazes. Em segundo lugar, em relação às vacinas e, mais do que isso, investimentos em propiciar a possibilidade logística de aplicação dessas vacinas. Sem dúvida, isso vai exigir de governantes e comunidades acadêmicas um trabalho coordenado.

A ciência reconhece que essa não será a única epidemia. Haverá outras e o mundo tem de se preparar melhor para que nós não tenhamos de experimentar uma tragédia humanitária desse porte. >>



# Fernando Schüler

## A onda do coletivo

**Rumos** – Como você avalia o impacto da pandemia na vida das pessoas?

**Fernando Schüler** – O impacto é muito grande. Primeiro, porque é um evento inusitado e inédito na vida das pessoas. Nas economias desenvolvidas e nas grandes democracias de países que viveram grandes tragédias como a Segunda Guerra Mundial, uma pandemia não seria tão dramática. Mas, para a maior parte das pessoas, é um evento extraordinário. Primeiro porque mostra a nossa fragilidade diante do indeterminado e do inesperado. Em segundo lugar, obrigou a uma reflexão sobre estilos de vida, levando as pessoas a repensarem seu cotidiano, sua relação com o trabalho e o uso do tempo. Não acredito que as pessoas vão mudar radicalmente suas vidas, as coisas voltarão ao normal; mas muita coisa será repensada.

**Rumos** – De que forma afetou os comportamentos?

**Schüler** – A pandemia também nos testou no que temos de pior e de melhor na relação com os outros. Ela trouxe o elemento do medo e a demanda por solidariedade. Isso inclui as pessoas que usam máscaras e são solidárias com pessoas que estão em situação de risco; e as que não usam e não são solidárias. E também a relação que estabelecemos com nossos vizinhos quando as pessoas estavam reclusas, e era preciso ter um certo padrão de comportamento nos condomínios, de respeito a uma certa ordem coletiva, de uso dos espaços comuns.

Tivemos de reprogramar nosso cotidiano para que todos agissem de maneira mais cooperativa. Foi testado nosso senso de pertencimento a uma coletividade, seja um condomínio, uma família, uma empresa, um bairro ou mesmo uma cidade. E isso tem a ver com ética, algo que não necessariamente está escrito em regra nenhuma. Discutiui-se muito se o Estado teria o direito de impor o isolamento social. Muitas pessoas foram abordadas por policiais nas praias ou recolhidas a uma delegacia. Mas isso foi exceção no Brasil. O controle de uma pandemia como essa exige o comportamento de autorregulação e disposição das pessoas em cooperarem. São as chamadas regras sociais não escritas, que estão ligadas diretamente à ética.

**Rumos** – Como se explica um postura negacionista de uma parcela da população?

**Schüler** – A palavra negacionismo é muito ampla. Pode haver pessoas que minimizam o risco, consideram realmente que têm uma boa saúde e, se pegarem o vírus, passarão bem pela experiência. Nessa altura, pode ter já muita gente que foi contaminada e, portanto, não está preocupada em dar exemplo ou com o fato de que pode ser, eventualmente, um agente transmissor, e aí entra a questão ética. Há uma série de perfis.

O negacionismo propriamente dito, que tem uma certa propensão ao pensamento místico e um despreço pelo dado e pela pesquisa, é mais profundo e mais grave. Especialmente quando vem de uma autoridade pública. Se um cidadão deseja ser um negacionista, é problema dele; mas quando a pessoa tem uma posição pública, não tem esse direito porque representa o interesse

coletivo. Mesmo considerando que a ciência não tem solução final. Há uma série de divergências quanto ao uso dos medicamentos ou se as escolas devem ou não abrir. Mas uma coisa é questionar, outra é desconsiderar a ciência. A melhor postura para quem tem espaço público e de comunicação é ouvir o que diz a ciência e ser prudente. Não vimos isso no Brasil. Mesmo que a ciência não nos ofereça todas as respostas, ela ainda é nosso refúgio mais seguro.

**Rumos** – Que lições podemos tirar dessa crise?

**Schüler** – Houve uma certa percepção da fragilidade da ciência. Primeiro, porque os cientistas não se entenderam. Segundo, porque viemos de uma época de grande arrogância em relação à nossa capacidade de dar conta de desafios naturais e vencer a doença. Lembro de toda a retórica da Singularity University sobre o crescimento exponencial da tecnologia e da medicina. Estávamos discutindo a expansão quase infinita da longevidade, o transumanismo. Mas, de repente, não sabíamos como lidar com um vírus de uma gripe. No fim, descobrimos que éramos tão vulneráveis como na época da gripe espanhola na segunda década do século XX. Isso é motivo de muita reflexão.

**Rumos** – Depois da peste negra, o mundo experimentou o Renascimento. Depois da gripe espanhola, o mundo viveu a euforia e efervescência cultural dos anos 1920. O que a pandemia do coronavírus pode trazer de positivo para a humanidade?

**Schüler** – Há muitas teorias sobre os impactos da pandemia. Um historiador afirmou que há um círculo de morte que pode trazer uma nova revalorização do ser humano, por diferentes razões. Mas será que precisamos que morram 800 pessoas todos os dias para que tenhamos a revalorização do humano? Eu tenho uma posição mais cética. É claro que após a gripe espanhola houve os maravilhosos anos 1920, que acabaram resultando nos pavorosos anos 1930, principalmente na Europa, com a ascensão do fascismo.

É óbvio que o fim da pandemia, com a descoberta da vacina, pode criar uma euforia. Pode surgir uma nova demanda por consumo que foi reprimida. Muita gente que reprimiu planos de viagens ou de estudos vai fazê-los. Pode, enfim, haver uma explosão positiva da atividade humana. Os aviões vão voltar a voar com mais intensidade pelo mundo; os aeroportos vão voltar a encher. O turismo e a vida cultural vão retomar as atividades. Haverá uma retomada, mas não acho que seja um grande renascimento civilizatório.

**Rumos** – Qual a expectativa em relação a uma segunda ou terceira onda da Covid-19? E qual será a reação da sociedade?

**Schüler** – A segunda onda pode ser mais perigosa. Em primeiro lugar, porque há um cansaço e porque parece que a segunda onda não seria tão séria. Além disso, o Estado não tem mais potência para um novo auxílio emergencial. A segunda

**A pandemia trouxe um paradoxal incentivo ao diálogo, à prudência e eu diria até um apelo ao bom senso. O negacionismo foi o lado obscuro desse processo todo, mas ele foi rejeitado pela sociedade. Vivemos nesses últimos anos momentos de estridência na democracia, de radicalização, de polarização e de ódio. Mas, de alguma maneira, isso arrefeceu.**

onda pode nos pegar de calças curtas. As pessoas não têm mais fôlego para se manterem por mais seis meses dentro de casa, sobretudo quem tem demandas e necessidades econômicas. A perspectiva de uma segunda onda é apavorante.

A boa notícia é que parece que estamos muito mais próximos de uma solução com uma vacina eficiente, que pode nos salvar a partir do início do próximo ano. Do jeito que estamos – iniciando o verão, o final do ano pela frente, praias lotadas, e um carnaval que possivelmente vai acontecer –, acho que estamos numa situação de bastante risco.

**Rumos** – O que a pandemia afetou no pensamento contemporâneo? As pessoas estão niilistas, querendo viver como se não houvesse amanhã?

**Schüler** – Pelo contrário, a pandemia trouxe um paradoxal incentivo ao diálogo, à prudência e eu diria até um apelo ao bom senso. O negacionismo foi o lado obscuro desse processo todo, mas ele foi rejeitado pela sociedade. Vivemos nesses últimos anos momentos de estridência na democracia, de radicalização, de polarização e de ódio. Mas, de alguma maneira, isso arrefeceu. O próprio processo eleitoral que vivemos agora mostrou que houve um certo declínio da polarização política e apelo à busca de soluções mais próximas do consenso, um certo apelo ao diálogo.

**Rumos** – Isso pode ser um reflexo do desfecho da eleição norte-americana?

**Schüler** – A eleição nos EUA tem um certo simbolismo. Independentemente da polarização e de preferências políticas, há lá um presidente agora mais moderado, mais atento às questões da ciência, à prudência em relação ao meio ambiente; com uma visão multilateralista e maior diálogo internacional.

São sinais que estamos percebendo. A presença da morte na vida das pessoas as torna mais humildes. O medo nos leva a uma situação mais conservadora, não no sentido político, mas de conservação. >>



# Paula Vedoveli

## A onda da política global

**Rumos** – Por conta da Covid e depois dela, o que está mudando no cenário internacional?

**Paula Vedoveli** – A principal mudança em que devemos manter uma certa atenção é o aumento da desigualdade estrutural e crescimento da pobreza. Desde 2008 já havia um padrão de aumento da desigualdade nas principais economias do mundo, ela torna um tema de pesquisa, cada vez mais, ao longo da década de 2010, mas a pandemia do coronavírus revelou outros padrões de desigualdade estrutural. Ela tem impactado setores da sociedade de forma diferente: os que dependem de salário são afetados muito mais seriamente do que os setores que dependem de ativos, os rentistas. Ou profissionais que podem trabalhar de forma remota *versus* os das áreas assistenciais, como médicos que estão na frente da batalha.

Há também desigualdades estruturais do cenário internacional com economias de calibres diferentes. Um dos problemas a que temos de ficar atentos é o das dívidas soberanas. Já há alguns países, especialmente na África, que estão sendo atingidos de forma mais dura pelos custos econômicos da pandemia. Temos de observar também o papel da China, que tem contribuído de maneira bastante pesada para fornecer alívio a esses países devedores, via financiamento e crédito.

**Rumos** – Os Estados Unidos estão perdendo esse papel de liderança no apoio aos países?

**Vedoveli** – Durante a administração de Donald Trump, o governo norte-americano fez um esforço bastante deliberado de se retrair da área internacional, muito baseado no discurso da administração federal de que os EUA estavam pagando demais pelos custos dessa liderança, dando muito mais do que estavam recebendo. Essa retração criou espaço para a entrada da China.

**Rumos** – Seria possível prever como será a administração do presidente eleito, Joe Biden?

**Vedoveli** – Há dois elementos que ainda preocupam muito. Em primeiro lugar, a grande quantidade de votos que o Trump levou, mais de 70 milhões. Se formos avaliar os custos que a própria administração do Trump trouxe para a sociedade americana nesses últimos meses em relação ao combate à pandemia, é muito surpreendente que ele ainda tenha tido esse apoio tão grande por parte da sociedade americana.

O segundo elemento que me preocupa é que o Partido Democrata teve uma vitória e duas derrotas, porque a base do poder ainda é republicana, tanto no Congresso quanto no Senado. Isso significa que ainda que se tenha um presidente democrata, as reformas e as mudanças que o Biden vai querer implementar serão muito mais difíceis de serem aprovadas. Vai ser uma administração muito custosa politicamente, o presidente eleito vai ter que gastar muito capital político para colocar algumas pautas essenciais na agenda.

**Rumos** – Ao que é possível creditar a emergência de lideranças tão “politicamente incorretas”, em diversas partes do mundo, com o recrudescimento do racismo, da homofobia, da xenofobia?

**Vedoveli** – Podemos analisar essa onda reacionária num contexto histórico mais amplo. Ele inicia no processo de globalização mais intensa na década de 1990, com o fim da Guerra Fria, gerando perdedores e vencedores. Na maioria das economias, esse processo foi pouco regulado pelos governos. Nos EUA, os trabalhadores dos setores industriais são alguns dos principais eleitores do Trump na Pensilvânia. Esses setores, foram os perdedores da globalização.

E esse processo gerou um discurso que está pautado na dicotomia entre aqueles que favorecem a integração multilateral e os que defendem soluções unilateralistas e nacionalistas, baseadas numa crença do jogo de soma zero: se um ganha, alguém tem de perder.

**Rumos** – O que podemos esperar que será a tendência daqui para a frente nessa disputa?

**Vedoveli** – Há algumas tendências no cenário internacional em que temos de ficar de olho que serão importantes, especialmente para o Brasil. A primeira é o meio ambiente. Olhando as nomeações do Biden para as principais secretarias podemos ver que ele já sinalizou que meio ambiente será um item importante da agenda da administração dele e com o Brasil. Precisamos ver como esse fator vai influenciar as relações Brasil-EUA, como vai afetar o posicionamento dos Estados Unidos nos organismos internacionais, e se realmente o país, sob a administração do Biden, vai assumir um papel de liderança dentro desse contexto, que é de muita disputa. Há ainda discussão se há de fato mudanças climáticas e sobre quais são os custos dessas transformações causadas pelo homem no meio ambiente. Em Washington, é muito forte o lobby das principais indústrias que têm interesse em reduzir a intervenção do governo.

**Rumos** – O que há de similaridade entre a crise do coronavírus e outras pandemias, no plano das relações internacionais?

**Vedoveli** – Vou destruir ilusões. Uma das coisas que critiquei logo no início da pandemia foi a vontade de muitos analistas fazerem comparações com outras pandemias. É preciso ter cuidado com as analogias porque há mais diferenças do que semelhanças entre as diversas pandemias dos séculos XX e XXI. A principal semelhança é que a maneira como os governos responderam às pandemias foi o fator crucial na maneira como as sociedades conseguiram resistir e lidar com o impacto social, econômico e de saúde pública. A maneira como os governos reagem é crucial, inclusive em relação aos custos futuros. No caso do coronavírus, a nossa sociedade vai pagar pelos custos por muitos anos.

**Rumos** – E quanto às diferenças?

**Vedoveli** – Outras pandemias também tiveram impactos econômicos, mas nunca na dimensão da de agora. Na pandemia da gripe espanhola de 1918 e 1919, por exemplo, estávamos na

## Há mais diferenças do que semelhanças entre as diversas pandemias dos séculos XX e XXI. A principal semelhança é que a maneira como os governos responderam às pandemias foi o fator crucial na maneira como as sociedades conseguiram resistir e lidar com o impacto social, econômico e de saúde pública.

Primeira Guerra Mundial, já superconectados, com movimentação de soldados entre toda a Europa. Também na gripe asiática em 1958 e na gripe de Hong Kong em 1968 havia conexão entre os países. Mas hoje, além da conectividade, há a interdependência de todas as economias com cadeias de produção globalizadas, em que os insumos podem vir de vários lugares.

Em 1918, os governos fecharam igrejas e escolas, mas nenhuma dessas pandemias teve a escala de *lockdown* e isolamento social que tivemos agora. O FMI projeta que a economia global vai reduzir 6%, devido ao impacto do novo coronavírus.

Temos de tomar cuidado com a comparação com as pandemias anteriores, não só porque os agentes são diferentes, mas também as estruturas das sociedades e da economia internacional são diferentes.

**Rumos** – Quais são as novas ondas nas relações internacionais? O que a crise impactou no pensamento contemporâneo e que sociedade emerge de tudo isso?

**Vedoveli** – Digo para meus alunos que não entendemos a riqueza literária dos anos 1920 até passarmos pela pandemia. Os anos 1920 mostram como as pessoas queriam viver a vida. Espero que isso ocorra de fato, no lado comunitário de sociedade, que consigamos esse tipo de experiência mais positiva.

Mas no lado de política internacional, a desigualdade será uma questão. Um elemento que vai emergir é: quem são os atores no âmbito internacional para lidar com a desigualdade? Será o FMI, o Banco Mundial? Eles estão aptos a fazer face aos desafios dessa nova geração?

Outro elemento que devemos observar como vai evoluir, por conta da administração Biden, são justamente as críticas ao multilateralismo que foram emergindo ao longo da década de 2010. Como será a posição da China, será que vai abraçar uma posição multilateral, ou vai criar uma outra forma de inserção alternativa? E a posição dos EUA frente a essas críticas e frente ao fortalecimento da China no cenário internacional?

E, finalmente, uma agenda que espero ser uma tendência forte é a do meio ambiente. É um tema importante para o Brasil tanto em termos da economia quanto em termos da sociedade. >>



# Jeferson Nascimento

## A onda social

**Rumos** – Qual o impacto da pandemia na desigualdade: aprofundou ou tornou mais evidente?

**Jeferson Nascimento** – A pandemia ajudou a escancarar a desigualdade, especialmente no Brasil. Vale a pena voltarmos um pouco no tempo. O Brasil é campeão de desigualdade em vários indicadores. Desde a Constituição de 1988 houve uma sequência contínua de queda da desigualdade. Desde o início dos anos 2000 até 2015, a variação do índice de Gini apresenta uma queda constante. Os especialistas creditam essa queda a mais investimento em políticas sociais, saúde, educação no período, valorização real do salário mínimo, com impacto em benefícios de assistência social. Tudo isso ajudou que quem ganhasse menos, ganhasse proporcionalmente mais que os extratos superiores. Essa trajetória durou até 2015, quando começou a crise econômica. De 2015 a 2019, há uma reversão desse quadro. A desigualdade começou a crescer novamente. E chegamos na pandemia neste cenário, estamos num quinto ano de aumento da desigualdade.

**Rumos** – Isso fez com que voltássemos ao patamar dos anos 1990?

**Nascimento** – Pegando a métrica Gini, auferindo renda do trabalho, em 2019 havíamos voltado ao patamar de 2012. Ainda não perdemos tudo o que conquistamos nos anos 2000, mas já regredimos cinco anos. Algo importante é que 2020 seria ainda mais catastró-

fico se não houvesse o auxílio emergencial, que evitou uma queda mais acentuada para baixo da linha da pobreza. No próximo ano, quando tivermos os dados de 2020, haverá um aumento da desigualdade, só que será atenuado devido ao auxílio emergencial.

Isso nos coloca um ponto de atenção: sem o auxílio emergencial, o cenário poderá ser de catástrofe. Em 2014, o Brasil saiu do mapa da fome da Organização das Nações Unidas (ONU), formado por países que têm 25% de sua população em situação de insegurança alimentar grave. Em 2014, caímos abaixo desses 25%, só que, em 2018, voltamos ao mapa da fome, antes da pandemia. Nesse cenário de crise econômica a partir de 2015, além de a desigualdade voltar a aumentar, tivemos no Brasil uma situação de aumento da extrema pobreza e da pobreza, inclusive levando o país a superar a marca de 25% da população em condições de fome. Tudo isso antes da pandemia; ou seja, chegamos à crise com imunidade baixa. Não estávamos com nossas defesas sociais preparadas para enfrentar o coronavírus.

**Rumos** – O que é preciso ser feito para reverter esse quadro agravado pela pandemia?

**Nascimento** – Pensando no cenário antes da pandemia, pois há quem alegue que a pandemia é um efeito excepcional, o elemento desafiador para a redução da desigualdade é o tributo. É muito difícil reverter a desigualdade, o Brasil conseguiu entre 2000 e 2015 com políticas sociais e valorização do salário mínimo. Mas a linha de pesquisa desenvolvida pelo economista francês Thomas Piketty e teóricos que adotam essa linha é focar nos picos, na extrema riqueza.

---

Para reduzir um pouco a desigualdade é preciso focar nesse extrato dos super-ricos, inclusive porque eles concentram muita renda. E nessa faixa houve pouca variação. No Brasil, a parcela de renda dos super-ricos continua sendo muito alta. Houve um equilíbrio maior nos 90% mais pobres, e os 10% mais ricos continuaram muito estáveis.

Num momento de crise, podemos observar que os ganhos obtidos até 2015, que foram muito curtos de investimento social, em pouquíssimo tempo foram revertidos. Todo mundo foi afetado pela crise do coronavírus. No começo da pandemia houve uma queda nas bolsas de valores do mundo todo, muitos super-ricos tiveram uma queda de patrimônio; só que hoje uma grande parte já recuperou suas perdas. Essa questão da resiliência diante de uma crise também mostra a desigualdade: quem é mais pobre demora mais a se recuperar. Quem é mais rico tem condições de reverter, diversificando o capital, aproveitando oportunidades, o que quem está na extrema pobreza não consegue.

**Rumos** – A pandemia atingiu diferentes estratos da sociedade, inclusive os mais ricos. Você acha que isso contribuiu para que se encontrasse mais rapidamente uma vacina?

**Nascimento** – Sim, com certeza, várias doenças negligenciadas como o ebola, a malária e a dengue estão longe de uma resposta tão rápida. A única forma de proteção hoje em relação ao coronavírus é o isolamento social, mas ele tem um impacto econômico, não se pode mantê-lo de forma indeterminada. Alguns países, como o Brasil, criaram medidas como o auxílio emergencial, mas isso não é sustentável no longo prazo. A vacina é a forma de garantir que as coisas voltem ao normal. O sistema capitalista não funciona se as pessoas estiverem dentro de casa.

**Rumos** – Quais serão as tendências daqui para a frente? Quem pode liderar os esforços para redução da desigualdade, organismos multilaterais como o FMI e o Banco Mundial?

**Nascimento** – Esses organismos entram um pouco no debate, mas mesmo eles têm ressaltado que estamos num momento excepcional e as soluções tradicionais não são aplicáveis. Há economistas no Brasil falando disso. O Piketty teoriza que os principais momentos em que houve variação nas rendas dos muito ricos foram em momentos de crise e de guerras. A democracia apenas não foi suficiente para mudar o patamar de desigualdade. Na Europa só houve desconcentração de renda após a Segunda Guerra, por meio de impostos que foram estabelecidos para que os super-ricos pagassem uma conta maior para a reconstrução do continente.

Muitos pensadores têm falado que estamos numa situação típica de guerra, superexcepcional, que afeta vários países do mundo. É preciso pensar em soluções excepcionais. Tem havido algumas manifestações de economistas do próprio FMI, de

**Muitos pensadores têm falado que estamos numa situação típica de guerra, superexcepcional, que afeta vários países do mundo. É preciso pensar em soluções excepcionais. Tem havido algumas manifestações de economistas do próprio FMI, de que não é o momento de medidas de austeridade econômica para pôr as contas em ordem.**

que não é o momento de medidas de austeridade econômica para pôr as contas em ordem – algo que o Fundo sempre defendeu. Há economistas importantes tanto do FMI quanto do Banco Mundial alertando que estamos numa crise que ocorre uma vez a cada século e a austeridade não vai resolver.

Uma das saídas é alterar o sistema tributário dos países e, seguindo a dinâmica do Piketty, aumentar a taxa dos super-ricos. Se for falar em uma tendência, penso no Estado com um papel mais acentuado. Os próprios economistas do FMI dizem que teremos de ter um patamar de dívida pública maior. E isso não é necessariamente ruim numa crise como essa. É preciso que as pessoas tenham um padrão de consumo e de renda que permita sair da crise da pandemia.

**Rumos** – As últimas duas crises globais – a de 2008 e a do coronavírus – colocaram em questão o modelo de Estado mínimo?

**Nascimento** – Sem dúvida. Parte dos efeitos do aumento da desigualdade a partir de 2015 se deve à adoção de políticas de austeridade. A partir de 2015 tivemos a emenda do teto de gastos, congelando os gastos públicos por 20 anos; a reforma trabalhista tirando direitos. Mesmo antes da pandemia, em 2019 houve uma queda do desemprego em relação a 2018, só que a queda estava relacionada ao aumento do trabalho informal. Na pandemia, os primeiros trabalhos eliminados são os informais e as pessoas ficaram sem renda. Quando não há algum tipo de proteção social, as primeiras pessoas afetadas numa crise são as que estão em situação de precariedade.

**Rumos** – Teremos um 2021 mais desafiador?

**Nascimento** – Sim, sem dúvida. Antes da pandemia, alguns especialistas falavam que o teto de gastos era inviável em 2021 se não tivesse crise nenhuma por conta de fatores como crescimento demográfico. O teto não foi feito para durar 20 anos; a grande dúvida é se duraria dez ou oito anos. Estaríamos entrando no quinto ano antes da pandemia. Com a pandemia isso é ainda mais insustentável.



## FOMENTO PARANÁ CONCEDEU R\$ 555 MI EM CRÉDITO

A Agência de Fomento do Paraná (Fomento Paraná) fechou 2020 com mais de R\$ 555 milhões aprovados, o melhor ano da história da instituição em contratação de crédito. Apenas de janeiro a outubro, foram R\$ 290 milhões em crédito concedido para empresas e empreendedores instalados em 381 dos 399 municípios paranaenses. Outros R\$ 265,5 milhões foram contratados por 80 municípios, para obras públicas e de infraestrutura.

“São números excelentes para a economia paranaense. Certamente não teríamos conseguido processar tantas propostas se não fossem nossas parceiras com as prefeituras e entidades que atuam como correspondentes ou agentes de crédito”, destaca o diretor-presidente da instituição, Heraldo Neves.

## AFEAM AMPLIA EM 30% VOLUME DE CRÉDITO CONCEDIDO EM 2020

Mesmo diante das dificuldades impostas pela pandemia da Covid-19, de janeiro a novembro a Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam) destinou mais de R\$ 93,3 milhões a empreendedores, ampliando em mais de 30% o volume de crédito injetado na economia, se comparado com todo o ano de 2019.

A ampliação da oferta de recursos para fomentar a economia e a geração de renda fez parte de um conjunto de medidas adotadas para amenizar os impactos da atual crise econômica. A Afeam investiu em tecnologia para disponibilizar o “Crédito Emergencial On-line”, ferramenta que permitiu que a agência seguisse ofertando crédito mesmo com as restrições no atendimento presencial.

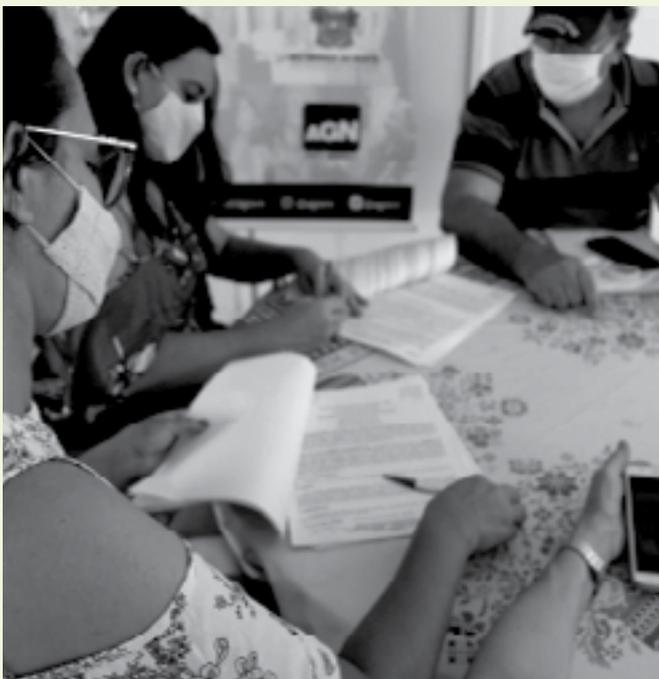
Do total aplicado este ano, R\$ 39,3 milhões foram investidos no interior do estado, por intermédio de 4.308 operações de crédito. Juntas, essas ações estão contribuindo para a geração ou manutenção de 13.124 empregos. Já em Manaus, a instituição liberou R\$ 53,9 milhões, com 3.102 operações, que proporcionam atividade econômica para 9.802 trabalhadores. Nos municípios do interior, a agricultura familiar é uma das mais atendidas. Com os recursos, que contam com taxa de juros subsidiada pelo estado, os produtores podem ampliar áreas cultivadas e investir em mecanização.

## GOIÁSFOMENTO LIBERA R\$ 27 MI PELO PROGRAMA MULHER EMPREENDEDORA

Desde a criação do programa Mulher Empreendedora, em março deste ano, até o mês de outubro, a Agência de Fomento de Goiás (GoiásFomento) liberou R\$ 27,84 milhões em financiamentos para mulheres microempreendedoras individuais (MEI), e para empresas de micro e pequeno porte comandadas por mulheres. Os números são bem superiores aos de 2019, quando, no mesmo período, foram liberados para elas R\$ 11,67 milhões em operações de crédito.

A agência tem como uma de suas atuações o incentivo às mulheres na liderança de empresas, e com o lançamento do programa a agência conseguiu aumentar em 139% o volume de recursos liberados para o público feminino – público que passou a representar 46,6% dos clientes da instituição.

O presidente da agência, Rivaél Aguiar, ressalta que as mulheres desempenham um papel fundamental no empreendedorismo do país. “É com muito orgulho que comemoramos esse resultado”, enfatiza.



## AGN FINANCIOU MAIS DE SEIS MIL EMPREENDEDORES AO LONGO DO ANO

De janeiro até o início de dezembro, a Agência de Fomento do Rio Grande do Norte (AGN) financiou 6.034 microempreendedores em todo o estado. O número de pessoas atendidas pelo programa Microcrédito do Empreendedor superou em 25% o resultado conquistado no ano anterior. O volume de recursos investidos superou a marca de R\$ 25 milhões.

Para a diretora-presidente da AGN, Márcia Maia, o crescimento dos números deve-se a uma série de iniciativas empreendidas pela agência nesses últimos dois anos: a incorporação de novos processos para a concessão de crédito, canais de divulgação e de comunicação com os empreendedores, crédito para novos setores, como agricultura familiar e cultura, ampliação dos limites de crédito, novas opções de garantia, intensificação da presença nos municípios, dentre outras medidas.

## BNDES REGISTRA LUCRO LÍQUIDO DE R\$ 8,73 BI

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) registrou lucro líquido de R\$ 8,73 bilhões no terceiro trimestre de 2020. Além de lucro financeiro, até o dia 9 de novembro, as medidas emergenciais do BNDES para combate à crise decorrente do novo coronavírus totalizavam R\$ 136,6 bilhões em aprovações, beneficiando 267 mil empresas, que empregam 8,8 milhões de trabalhadores. As iniciativas vêm sendo anunciadas desde 22 de março e buscam preservar as atividades econômicas das companhias durante esse período, além de viabilizar investimentos no setor de saúde.

Dentre iniciativas destaca-se o Programa Emergencial de Acesso a Crédito (Peac), que já ofereceu garantias a operações de financiamento para 96 mil pequenas e médias empresas, totalizando R\$ 81 bilhões de financiamentos contratados até 9 de novembro.

## LIBERAÇÕES DE CRÉDITO EMERGENCIAL DO BANESTES ULTRAPASSAM R\$ 451 MILHÕES

O Banco do Estado do Espírito Santo (Banestes) permanece atuando na oferta de linhas especiais de crédito emergencial, como medida econômica para enfrentamento da pandemia da Covid-19. No balanço das operações realizadas de meados de março até o dia 23 de novembro, a instituição concedeu mais de R\$ 451 milhões em crédito emergencial para mais de 13,3 mil empresas de variados portes e do setor industrial do estado.

“O Banestes permanece junto dos capixabas na oferta de condições diferenciadas de crédito. Atualmente, além das linhas de crédito emergencial, ainda estamos operando ofertas por meio da Blue Week Banestes. Estamos atentos às necessidades dos microempreendedores, empresas de grande porte e também da população capixaba como um todo”, destaca o diretor-presidente do banco, José Amarildo Casagrande.

Em linhas gerais, desde o início de 2020, o Banestes já concedeu mais de R\$ 3,5 bilhões em crédito para clientes pessoa física e jurídica no estado. Além disso, os contratos de parcelamento de crédito em até 180 dias – outra importante ação de auxílio econômico disponibilizada pelo banco como medida de enfrentamento à pandemia – já atingiram o montante de mais de R\$ 911 milhões.

Para atender à demanda dos empreendedores capixabas neste momento de crise, o banco tem operado pelo menos cinco linhas de crédito emergenciais. A principal delas atende empresas de todos os portes e do setor industrial, com taxas a partir de CDI + 0,32% ao mês.



**Boa economia para tempos difíceis**

*Abhijit V. Banerjee e Esther Duflo*  
Zahar, 2020, 464 p.

## DESAFIOS MODERNOS

Os ganhadores do Prêmio Nobel de Economia em 2019, Abhijit V. Banerjee e Esther Duflo, apresentam nesta obra o que os melhores economistas da atualidade têm a dizer a respeito das questões fundamentais que desafiam as sociedades em transição. Em uma realidade de pobreza, problemas climáticos, imigração e desaceleração do crescimento, os temas econômicos e políticos acabam se tornando centrais no debate público atual.

São muitas as questões que eles buscam responder: como combater a explosão da desigualdade em todo o mundo? O comércio internacional é o problema ou a solução? Existe mesmo um excesso de migrantes subqualificados? Devemos nos preocupar com os avanços da inteligência artificial ou promovê-la de-

liberadamente? E como os governos podem ajudar as pessoas que os mercados insistem em deixar para trás?

Dividido em nove capítulos, os autores se basearam nas mais recentes pesquisas da área para promover o debate e comentar as conclusões desses estudos, bem como mostrar caminhos para solucionar os problemas e ajudar na construção de um mundo melhor.

“Um livro sobre onde a política econômica deu errado, onde a ideologia nos cegou, onde não percebemos o óbvio, mas também um livro sobre onde e por que a boa economia é útil, sobretudo no mundo de hoje”, comentam Banerjee e Duflo no prefácio da obra, que venceram o principal prêmio de economia do mundo com uma abordagem experimental para reduzir a pobreza no planeta.



**O valor de tudo: Produção e apropriação na economia global**

*Mariana Mazzucato*  
Portfolio Penguin, 2020, 416 p.

## REINVENTAR O SISTEMA DE VALOR

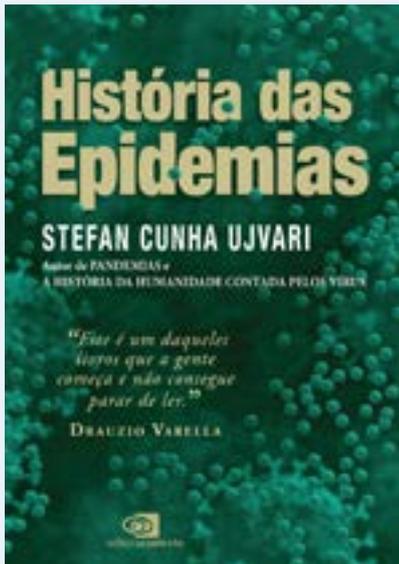
Mariana Mazzucato apresenta nesta obra o que considera erros no atual sistema financeiro global e examina a maneira como o valor econômico foi atribuído ao longo da história, revelando como a teoria econômica falhou em definir com clareza a diferença entre produção e apropriação de valor.

Para entender o crescimento econômico, a autora parte do que é a riqueza e reflete sobre o valor nos últimos trezentos anos. Por meio de estudos de caso, Mazzucato demonstra como as noções nebulosas de valor criam confusão entre conceitos básicos, recompensam apropriadores e distorcem as métricas de crescimento e do Produto Interno Bruto (PIB). Nesse processo, a inovação é prejudicada, fazendo aumentar a desigual-

dade e reacendendo um debate sobre o tipo de mundo em que queremos viver.

História do valor, ascensão dos marginalistas, capitalismo de cassino e economia de inovação são alguns dos temas debatidos ao longo de nove capítulos. Este livro é um chamado à necessidade de reinventar o sistema de criação e extração de valor nas economias modernas a fim de garantir um capitalismo que funcione para todos.

Mariana Mazzucato é professora de economia da inovação e valor público na University College de Londres (UCL), além de fundadora e diretora do Institute for Innovation and Public Purpose. Foi escolhida uma das três pensadoras mais importantes sobre inovação pela revista *New Republic*.



**História das epidemias**  
Stefan Cunha Ujvari  
Contexto, 2020, 320 p.

## O QUE VEIO ANTES

A pandemia do coronavírus impactou o mundo de uma forma devastadora. Os países se viram em situações de crises em todos os setores e a população entrou em pânico, preocupada com o que esse novo vírus poderia causar. Ainda que, para a maioria, vivenciar uma pandemia seja algo novo, as doenças epidêmicas assombram a humanidade desde os primórdios, como a famosa peste negra que matou cerca de um terço da população europeia na Idade Média.

De lá para cá, muita coisa mudou. Se por um lado a medicina evoluiu, por outro, as pessoas vivem cada vez mais aglomeradas em grandes cidades e viajando muito mais ao redor do mundo, o que torna a situação mais difícil de ser controlada. Além disso, o grande fluxo de informações facilita a circulação de *fake*

*news* associadas a doença, o que provoca ainda mais medo nas pessoas.

Neste livro, o médico infectologista Stefan Cunha Ujvari fala sobre as epidemias e pandemias mais marcantes da história do planeta e como a humanidade conviveu com essas doenças. Partindo da Grécia Antiga e chegando até os dias atuais, a obra aborda doenças como peste negra, sífilis, gripe e ebola, além de um capítulo dedicado para a Covid-19.

O autor ainda comenta a ciência atual e como ela estuda e identifica as enfermidades e seus sintomas, assim como a criação das vacinas. Ujvari é autor de livros relacionados à história da infectologia, como *A História da humanidade contada pelos vírus* e *Pandemias: a humanidade em risco*.



**Notas sobre a pandemia: E breves lições para o mundo pós-coronavírus**  
Yuval Noah Harari  
Cia. das Letras, 2020, 128 p.

## DILEMAS E IMPACTOS DA CRISE

Em *Notas sobre a pandemia*, o historiador israelense Yuval Noah Harari reúne uma coletânea inédita de artigos e entrevistas que analisam os dilemas e os impactos causados pela pandemia da Covid-19. Publicados originalmente em veículos internacionais, como a revista *Time* e o jornal *The Guardian*, entre março e abril de 2020, os textos exploram temas como a disputa ideológica entre isolacionismo nacionalista e cooperação global, o risco da ascensão de estados totalitários na esteira das novas tecnologias de monitoramento em massa e os possíveis impactos do vírus na concepção contemporânea da morte.

Harari aponta que, ainda que alguns detalhes mencionados no livro já tenham sido superados, as mensagens

apresentadas são essenciais e ainda mais relevantes hoje. Contextualizando com o passado, presente e futuro da humanidade, o autor afirma que epidemias e pandemias não moldam a história. “Somos muito mais poderosos do que o vírus, e cabe a nós decidir como responderemos ao desafio”, comenta na obra.

O historiador, autor do best-seller *Sapiens: Uma breve história da humanidade*, também ressalta que a boa notícia é que a maior parte do planeta concorda em concentrar os esforços nos avanços científicos em busca da cura e de uma vacina para a Covid-19, porém reforça que isso acontecerá apenas se a cooperação entre as nações for a prioridade dos líderes atuais.

## EXPEDIENTE



Sede: SCN – Qd. 2 - Lote D, Torre A Salas 431 a 434  
Centro Empresarial Liberty Mall - Brasília - DF - CEP 70712-903  
Telefone: (61) 2109.6500  
E-mail: abde@abde.org.br

Escritório: Avenida Nilo Peçanha, 50 – 11º andar  
Grupo 1109 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20020-906  
Telefone: (21) 2109.6000  
E-mail: gecom@abde.org.br

CONSELHO DOS ASSOCIADOS  
Presidente: Gustavo Montezano

### DIRETORIA

Presidente: Sergio Gusmão Suchodolski  
1º Vice-Presidente: Ênio Mathias Ferreira  
2ª Vice-Presidente: Jeanette Halmenschlager Lontra  
Diretores: Heraldalves das Neves, Luiz Corrêa Noronha, Paulo de Oliveira Costa, Ricardo Wiering de Barros, Rivaél Aguiar Pereira, Rubens Rodrigues Filho e Valdecir Tose.

Secretária-Executiva interina: Cristiane Viturino

### INSTITUIÇÕES ASSOCIADAS À ABDE

**AFAP** – Agência de Fomento do Estado do Amapá S.A.  
**AFEAM** – Agência de Fomento do Estado do Amazonas S.A.  
**AGE** – Agência de Empreendedorismo de Pernambuco  
**AGÊNCIA DE FOMENTO DO ESTADO DE TOCANTINS**  
**AGERIO** – Agência Estadual de Fomento  
**AGN** – Agência de Fomento do Rio Grande do Norte S.A.  
**BADESC** – Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A.  
**BADESUL** – Badesul Desenvolvimento S.A. – Agência de Fomento  
**BANCO DA AMAZÔNIA** – Banco da Amazônia S.A.  
**BANCO SICREDI** – Banco Cooperativo Sicredi S.A.  
**BANCOOB** – Banco Cooperativo do Brasil S.A.  
**BANDES** – Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo S.A.  
**BANESTES** – Banco do Estado do Espírito Santo S.A.  
**BANPARÁ** – Banco do Estado do Pará S.A.  
**BB** – Banco do Brasil S.A.  
**BDMG** – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais S.A.  
**BNB** – Banco do Nordeste S.A.  
**BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social  
**BRDE** – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul  
**BRB** – Banco de Brasília  
**CRE SOL** - Cresol Confederação  
**DESENBÁHIA** – Agência de Fomento do Estado da Bahia S.A.  
**DESENVOLVE** – Agência de Fomento de Alagoas S.A.  
**DESENVOLVE MT** – Agência de Fomento do Estado de Mato Grosso S.A.  
**DESENVOLVE RR** – Agência de Desenvolvimento de Roraima S.A.  
**DESENVOLVE SP** – Agência de Desenvolvimento Paulista  
**FINEP** – Inovação e Pesquisa  
**FOMENTO PARANÁ** – Agência de Fomento do Paraná S.A.  
**GOIÁS FOMENTO** – Agência de Fomento de Goiás S.A.  
**PIAUI FOMENTO** – Agência de Fomento e Desenvolvimento do Estado do Piauí S.A.  
**SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

## Rumos

### Redação e Administração

Avenida Nilo Peçanha, 50, 11º andar  
Grupo 1109  
Rio de Janeiro RJ CEP: 20020-906  
Telefone: (21) 2109.6041  
Email: rumos@abde.org.br  
www.abde.org.br

### Gerente de Comunicação & Editora

Thais Sena Schettino

### Equipe

Jader Moraes, Noel Joaquim Faiad e Maitê Rodriguez (estagiária)

### Revisão

Mariana e Renato R. Carvalho

### Capa

Unsplash

### Impressão e CTP

J. Sholna Reproduções Gráficas

### Distribuição

Agência Imperial - Rio de Janeiro

### Publicação bimestral

ISSN 1415-4722

Ano 44 - nº 312 - Out/Nov/Dez 2020

Tiragem: 1.000 exemplares

# SIGA A ABDE NAS MÍDIAS DIGITAIS



@abdeoficial



@abde\_oficial



/company/abde

As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da ABDE. Sua reprodução é livre em qualquer outro veículo de comunicação, desde que citada a fonte.

# SISTEMA NACIONAL DE FOMENTO

## **AFAP**

Agência de Fomento do Estado do Amapá S/A  
[www.afap.ap.gov.br](http://www.afap.ap.gov.br)

## **AFEAM**

Agência de Fomento do Estado do Amazonas S/A  
[www.afeam.am.gov.br](http://www.afeam.am.gov.br)

## **AGE**

Agência de Fomento do Estado de Pernambuco S/A  
[www.age.pe.gov.br](http://www.age.pe.gov.br)

## **AGÊNCIA DE FOMENTO DO ESTADO DO TOCANTINS**

Agência de Fomento do Estado do Tocantins  
[www.fomento.to.gov.br](http://www.fomento.to.gov.br)

## **AGERIO**

Agência de Fomento do Estado do Rio de Janeiro S/A  
[www.agerio.com.br](http://www.agerio.com.br)

## **AGN**

Agência de Fomento do Rio Grande do Norte S/A  
[www.agnrn.com.br](http://www.agnrn.com.br)

## **BADESC**

Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S/A  
[www.badesc.gov.br](http://www.badesc.gov.br)

## **BADESUL**

Badesul Desenvolvimento S/A – Agência de Fomento RS  
[www.badesul.com.br](http://www.badesul.com.br)

## **BANCO DA AMAZÔNIA**

Banco da Amazônia S/A  
[www.bancoamazonia.com.br](http://www.bancoamazonia.com.br)

## **BANDES**

Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo S/A  
[www.bandes.com.br](http://www.bandes.com.br)

## **BANPARÁ**

Banco do Estado do Pará S/A  
[www.banparanet.com.br](http://www.banparanet.com.br)

## **BB**

Banco do Brasil S/A  
[www.bb.com.br](http://www.bb.com.br)

## **BDMG**

Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais S/A  
[www.bdmg.mg.gov.br](http://www.bdmg.mg.gov.br)

## **BNB**

Banco do Nordeste do Brasil S/A  
[www.bnb.gov.br](http://www.bnb.gov.br)

## **BNDES**

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social  
[www.bndes.gov.br](http://www.bndes.gov.br)

## **BANESTES**

Banco do Espírito Santo S/A  
[www.banestes.com.br](http://www.banestes.com.br)

## **BRB**

Banco de Brasília  
[www.brb.com.br](http://www.brb.com.br)

## **BRDE**

Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul  
[www.brde.com.br](http://www.brde.com.br)

## **CRESOL**

Cresol Confederação  
[www.cresol.com.br](http://www.cresol.com.br)

## **DESENBÁHIA**

Agência de Fomento do Estado da Bahia S/A  
[www.desenbahia.ba.gov.br](http://www.desenbahia.ba.gov.br)

## **DESENVOLVE**

Agência de Fomento do Estado de Alagoas S/A  
[www.desenvolve-al.com.br](http://www.desenvolve-al.com.br)

## **DESENVOLVE RR**

Agência de Fomento do Estado de Roraima S/A  
[www.aferr.rr.gov.br](http://www.aferr.rr.gov.br)

## **DESENVOLVE SP**

Agência de Desenvolvimento Paulista  
[www.desenvolvesp.com.br](http://www.desenvolvesp.com.br)

## **FINEP**

Inovação e Pesquisa  
[www.finep.gov.br](http://www.finep.gov.br)

## **FOMENTO PARANÁ**

Agência de Fomento do Paraná S/A  
[www.fomento.pr.gov.br](http://www.fomento.pr.gov.br)

## **GOIÁS FOMENTO**

Agência de Fomento do Estado de Goiás S/A  
[www.fomento.goias.com.br](http://www.fomento.goias.com.br)

## **DESENVOLVE MT**

Agência de Fomento do Estado de Mato Grosso S/A  
[www.mtfomento.mt.gov.br](http://www.mtfomento.mt.gov.br)

## **PIAUI FOMENTO**

Agência de Fomento e Desenvolvimento do Estado do Piauí S/A  
[www.fomento.pi.gov.br](http://www.fomento.pi.gov.br)

## **SEBRAE**

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
[www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br)

## **SICOOB**

Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil  
[www.sicoob.com.br](http://www.sicoob.com.br)

## **SICREDI**

Sistema de Crédito Cooperativo  
[www.sicredi.com.br](http://www.sicredi.com.br)



**ABDE**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE DESENVOLVIMENTO

# PROMOÇÃO

# PIX NO SICOOB

**ESCOLHA SUA CHAVE PIX,  
FAÇA TRANSAÇÕES  
E CONCORRA  
A VALES-POUPANÇA  
DE 5 E 10 MIL REAIS.**

O Pix chegou no Sicoob com uma promoção incrível. A cada novo cadastro de Chave Pix e a cada transação você concorre a 70 vales-poupança no total de R\$ 425 mil em três Corridas Pix. A participação é automática e são muitas chances de ganhar! Confira o regulamento e venha para o Pix no Sicoob. O Pix com prêmios!

**1ª Corrida Pix até 30/11/20, R\$ 125 mil em prêmios**

- Escolha suas Chave Pix com CPF, CNPJ e celular e concorra a 15 vales-poupança de R\$ 5 mil.
- Escolha suas Chaves Pix com e-mail ou Chave aleatória e a cada nova chave, transação Pix, você concorre a 5 vales-poupança de R\$ 10 mil.

**2ª Corrida Pix de 12 a 31/12/20, R\$ 175 mil em prêmios**

- Escolha novas Chaves, use o Pix e concorra a 35 vales-poupança de R\$ 5 mil.

**3ª Corrida Pix de 1ª a 17/1/21, R\$ 125 mil em prêmios**

- Escolha novas Chaves, use o Pix e concorra a 5 vales-poupança de R\$ 5 mil e 10 vales-poupança de R\$ 10 mil.

Saiba mais: [sicoob.com.br/pix](http://sicoob.com.br/pix)

4000 1111 - Capitais e regiões metropolitanas  
0800 642 0000 - Demais localidades - Atendimento 24 horas  
Ouvidoria - 0800 725 0996  
De segunda a sexta, das 8h às 20h  
[ouvidoriasicoob.com.br](http://ouvidoriasicoob.com.br)  
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458  
De segunda a sexta, das 8h às 20h

TEM QUE TEM  
**PRÊMIOS!**

 **SICOOB**  
Faça parte.